



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica

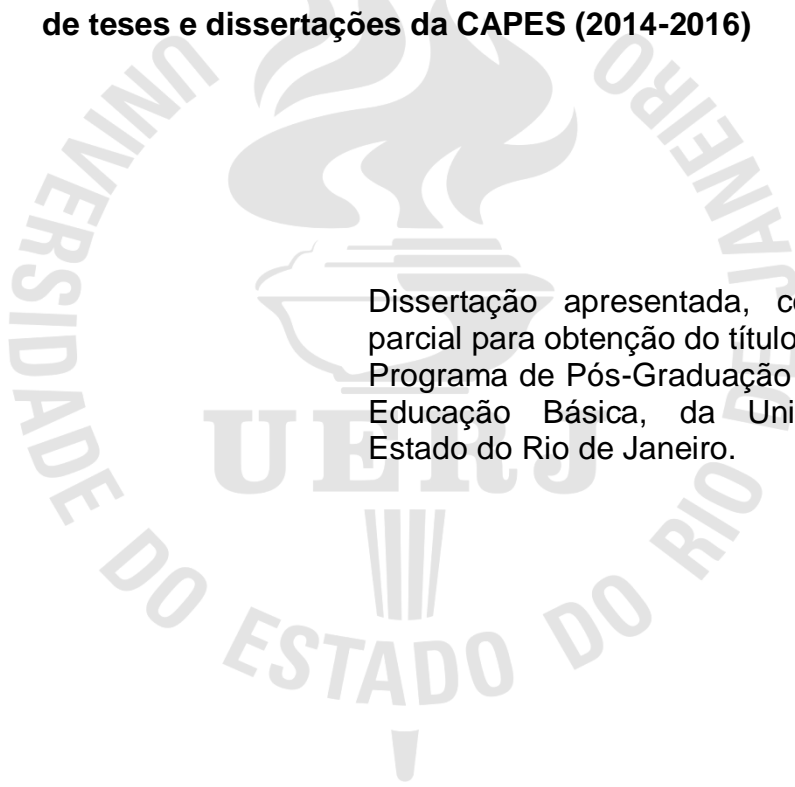
Mariana Rocha Pires

***Bullying e educação: uma análise da produção científica disponível
no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016)***

Rio de Janeiro
2018

Mariana Rocha Pires

***Bullying* e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

P667 Pires, Mariana Rocha

Bullying e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016).

100 f.: il.

Orientadora: Cláudia Hernandez Barreiros Sonco.

Dissertação (Mestrado) –Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAp/UERJ.

1. Bullying. 2. Violência Escolar. 3. Formação de Professores. I. Sonco, Cláudia Hernandez Barreiros. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAp/UERJ. III. Título.

CDD 37:316.485.26

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Rocha Pires

***Bullying* e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cláudia Hernandez Barreiros Sonco (Orientador)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira — UERJ

Prof.^a Dra. Eline Deccache Maia
Instituto Federal do Rio de Janeiro — IFRJ

Prof.^a Dra. Pâmela Suélli da Motta Esteves
Faculdade de Formação de Professores — UERJ

Prof. Dr. (Prof.^a Dra.) Jonê Carla Baião (suplente interno)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira — UERJ

Prof. Dr. (Prof.^a Dra.) Luiza Rodrigues de Oliveira (Suplente externo)
Universidade Federal Fluminense — UERJ

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Joaquim, minha razão maior de viver, ao e Adriano e Bernardo, crianças especiais na minha vida. Espero que a escola seja um lugar mais feliz pra vocês e reúna somente lindas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Durante o período do Mestrado no CAP-UERJ fui acompanhada pela professora Cláudia Barreiros, minha orientadora, que se tornou uma pessoa especial, sobretudo por todo apoio a minha gestação inesperada logo nos primeiros dias de mestrado. Obrigada pelos incentivos e por todo apoio, parceria e paciência.

Às professoras Jonê Baião, Mara Cruz, Helena Araújo, Patrícia Braun por todas as trocas e contribuições tão assertivas à minha formação de pesquisadora durante as aulas. Foram muitos momentos especiais de trocas, lágrimas, apresentações de trabalho e congresso. Obrigada, a todas por esses momentos marcantes felizes e de disponibilidade em me ajudar.

Às professoras Eline Deccache Maia e Pâmela Suélli da Motta Esteves por aceitarem fazer parte da minha banca e pelo direcionamento e questionamentos pertinentes durante o exame de qualificação.

A minha mãe, Marli, responsável por tudo aquilo em que me tornei: foram os valores que me foram ensinados que me fizeram questionar o mundo.

A minha família querida, tia Anamaria, Tio Carlos e Vovó Isabel, por sempre acreditarem em mim e darem força e forma aos meus sonhos: gratidão e amor.

Ao meu irmão, Luís Otávio, por ser meu amigo, meu ombro, meu parceiro de gargalhadas e por tornar a minha vida mais feliz com a sua presença, danças e mensagens na madrugada: meu mais sincero “obrigada”.

A minha irmã que a vida deu, Julia Vasques, por caminhar lado a lado comigo e fazer o macarrão mais sem graça do mundo quando estou com fome, me fazer rir e fazer reflexões diárias sobre a vida e práticas diárias. A vida é mais divertida com você: te amo.

Ao meu sobrinho, Adriano Vasques, por ser tão carinhoso com meu filho e nos mostrar que, quando a educação sai de casa, o resultado é sucesso na escola.

Agradeço Ao Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica (PPGEB – Cap – UERJ) pelos auxílios que me foram concedidos. Foram muitos contratemplos causados pelos problemas que a universidade atravessa hoje, no entanto, foi e sempre será uma honra ser mais um elo dessa resistência.

Agradeço a todos os professores do programa PPGEB - CAp - UERJ), por terem me apresentado a livros, autores e maneiras de ser que me modificaram, tanto como pesquisadora e quanto como indivíduo.

Devo a conclusão do meu mestrado a algumas pessoas que formam muito especiais na minha trajetória acadêmica como Rosana Souza, minha comadre, amiga, irmã, mestra, dedico todo o meu amor e gratidão por tudo que fez e continua fazendo por mim. Ao meu amigo querido, Daniel Campos, por toda a ajuda com o esqueleto do meu projeto e preparação para a prova do mestrado e por me mostrar que fazer mestrado em uma universidade pública era uma possibilidade. Agradeço a vocês por todas as conversas, questionamentos conjuntos, lutas compartilhadas, enfim, mais que minha gratidão!

A vida acadêmica, além de conhecimento, também nos oferece a oportunidade de ampliar laços afetivos. Tive a felicidade e a honra, desde os primeiros passos nesse universo, de encontrar pessoas lindas! Agradeço, em especial, a Fabiana Nascimento e Viviane Moraes. Amigas fundamentais em minha vida, exemplos de pesquisadores e seres humanos. Sem vocês, sem exageros, nada disso seria possível. Meu muito obrigada por terem me mimado tanto durante a gravidez com bolos, doces, palavras de incentivos, ajuda nos trabalhos, na revisão dos meus textos e orientações constantes neste trabalho.

Aos demais alunos do programa de mestrado, sou grata por todas e todos vocês. Me senti acolhida e privilegiada por fazer parte de um grupo tão conciso, questionador, preciso e com práticas inspiradoras.

As minhas fieis parceiras de vida! Tata, Nina e Paty, não tenho ideia de como seria minha vida sem vocês. Somos verdade e diversidade com pimenta e amor! Desculpem minha ausência nesses anos.

O meu “muito obrigada” à Irmã Malise Peters, diretora da instituição de ensino na qual atuo hoje como coordenadora de Educação Inclusiva. Agradeço por ser mais que uma líder, um chefe, um exemplo de educadora...Por ser minha fonte de inspiração diária, uma mãe, uma conselheira valiosa e um ser humano iluminado, obrigada por nunca duvidar do meu potencial e por reforçar sempre a sua confiança no meu trabalho e na minha pessoa.

Aos meus amigos Priscila Veiga, Rossana Cabral, Carolina Figueiredo, Fernando Parente, Fernando Sobrinho e Pedro Suarez por tornarem meus dias no

trabalho uma grande festa, por me mostrarem que, quando trabalhamos com amor naquilo que gostamos, somos felizes! Amo vocês!

Ao meu atual companheiro, Velfe Oliveira, por me mostrar que a vida não cabe no Lattes, por arrancar as minhas gargalhadas mais sinceras e ser meu grande amigo e impulsionador dos meus sonhos já adormecidos. Obrigada por ser meu grande amor, por me arrancar suspiros, por ser tão bonito, pelos dias em família, pelos dias na Lapa, pelos dias estudando, cozinhando, por me levar no colo, por cuidar com tanto carinho do meu filho e me deixar conviver com o seu. Amo você demais.

Por último, agradeço ao meu filho Joaquim, motivador e impulsionador de tudo que me move hoje. É tudo por você, meu amor!

RESUMO

PIRES, M. R. *Bullying e educação: uma análise da produção científica disponível no banco de teses e dissertações da CAPES (2014-2016)*. 99 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Entendemos que, nos dias de hoje, há um fenômeno escolar digno de nossa preocupação que vem aumentando em incidência e ampliando suas conseqüências nas vidas dos estudantes, especialmente de educação básica: o *bullying*. Mais que um estrangeirismo, este consiste num processo em que ocorre abuso de poder físico e/ou psicológico entre pares, que frequentam o mesmo ambiente (em nosso caso, a escola), estabelecendo uma forte relação de poder, dominação, humilhação e conformismo. Os sentimentos provocados por essas ações sobre a pessoa alvo levam à crença na impossibilidade de desviar-se das ações de vitimização, raiva, medo, baixa autoestima, entre outros. Considerando a importância de encontrarmos formas de enfrentamento desse problema no interior das escolas, a presente pesquisa se propôs a investigar a produção acadêmica dos programas de pós-graduação *Scrito Sensu* do Brasil nos anos de 2014 a 2016 disponíveis na base de dados da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), visando identificar dissertações e/ou teses que abordassem como tema, estratégias de intervenção e ações de prevenção acerca do *bullying no ambiente* escolar de modo a buscar instrumentos propostos que pudessem ser potentes para qualificar a formação dos profissionais de ensino para o enfrentamento desse problema nas escolas. Para isso, utilizamos como descritor o termo *bullying*. Em seguida, para o refinamento dos dados delimitamos ano (2014, 2015 e 2016), grande área de conhecimento (Ciências Humanas) e área de conhecimento (Educação). A partir disso, encontramos um total de 30 estudos. Desses 30 estudos consideramos como critérios de inclusão para a nossa pesquisa estudos que tivessem os termos: *bullying ou violência no título* e a presença de pelo menos dois dos termos: “educação”, “escola”, “escolar” e “prevenção” no resumo, chegando a 7 (sete) dissertações e 6 (seis) teses. Como resultado da pesquisa, afirmamos que todos os trabalhos analisados demonstram preocupação com o enfrentamento desse problema no interior das escolas. No entanto, um deles, toma um caráter mais propositivo em acordo com a Lei 13.185/2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) no âmbito do Ministério da Educação, nas secretarias estaduais e municipais e nos estabelecimentos escolares. Desse modo, tomando este estudo como roteiro, cotejamos as contribuições dos demais elencando nove conjuntos de ações que podem ser implementadas pelas políticas escolares, no âmbito das secretarias e pelo MEC: ações de informação, conscientização e sensibilização; de identificação: o diagnóstico da realidade escolar; que incidem nas relações interpessoais; que incidem no desenvolvimento emocional e na autoestima dos alunos; que enfatizam o uso do diálogo; para o ensino de valores sociomoraes; relacionadas a mudança de comportamento através do controle de contingências; que incidem sobre regras; que envolvem mudança de estrutura funcional ou física da escola; de capacitação profissional; e de denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Violência escolar. Formação de professores.

ABSTRACT

PIRES, M. R. *Bullying and education: an analysis of the scientific production available in the thesis and dissertations database of CAPES (2014-2016)*. 100 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

We understand that, today, there is a school phenomenon worthy of our concern that is increasing in incidence and increasing its consequences in the lives of students, especially basic education: bullying. More than a foreigner, this is a process in which abuse of physical and / or psychological power occurs between peers, who attend the same environment (in our case, the school), establishing a strong relation of power, domination, humiliation and conformism. The feelings of these actions on the target person lead to a belief in the inability to deviate from the actions of victimization, anger, fear, low self-esteem, among others. Considering the importance of finding ways of coping with this problem within schools, this research aimed to investigate the academic production of *Stricto Sensu* postgraduate programs in Brazil from 2014 to 2016 available in the database of the Commission for Improvement (CAPES), aiming to identify dissertations and / or theses that addressed as a theme, intervention strategies and prevention actions about bullying in the school environment in order to find proposed instruments that could be powerful to qualify the training of professionals to address this problem in schools. For this, we use as a descriptor the term bullying. Then, for the refinement of the data we delimit year (2014, 2015 and 2016), great area of knowledge (Human Sciences) and area of knowledge (Education). From this, we find a total of 30 studies. Of these 30 studies, we considered as inclusion criteria for our study studies that had the terms: bullying or violence in the title and the presence of at least two of the terms "education", "school", "school" and "prevention" in the abstract , arriving at 7 (seven) dissertations and 6 (six) theses. As a result of the research, we affirm that all the analyzed works demonstrate concern with the confrontation of this problem inside the schools. However, one of them is more proactive in accordance with Law 13.185 / 2015 that establishes the Program to Combat Systematic Intimidation (bullying) within the scope of the Ministry of Education, in the state and municipal secretariats and in schools. Thus, taking this study as a guide, we compare the contributions of the others by listing nine sets of actions that can be implemented by school policies, within the secretariats and the MEC: information, awareness and awareness actions; identification: the diagnosis of the school reality; which affect interpersonal relationships; which affect the students' emotional development and self-esteem; which emphasize the use of dialogue; for the teaching of sociomoral values; related to behavior change through the control of contingencies; rules; which involve changes in the school's functional or physical structure; training; and denunciation.

Keywords: Bullying. School violence. Teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração quanto a recorrência de citações dos autores utilizados nos trabalhos analisados.66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Títulos dos trabalhos acadêmicos da base de dados da Capes (2014-2016)	28
Tabela 2 – Autores divididos quanto a escolha dos descritores.....	63
Tabela 3 - Tabela Ações de informação, conscientização e sensibilização.....	75
Tabela 4 - Ações de identificação: o diagnóstico escolar.....	77
Tabela 5 - Ações que incidem nas relações interpessoais	78
Tabela 6 - Ações que incidem no desenvolvimento emocional e na autoestima dos alunos.....	80
Tabela 7 - Ações que enfatizam o uso do diálogo	81
Tabela 8 - Ações para Educação moral.....	83
Tabela 9 - Ações relacionadas à mudança de comportamento através do controle de contingências	84
Tabela 10 - Ações que incidem sobre regras.....	85
Tabela 11 - Ações que envolvem mudança de estrutura funcional ou física da escola.....	86
Tabela 12 - Ações de capacitação profissional.....	88
Tabela 13 - Ações de denúncia	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios para observação do *bullying* na escola 71

Quadro 2 - Critérios para observação por parte dos responsáveis 72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES –	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nivel Superior
CAP-UERJ –	Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
FCT–	Faculdade de Ciências e Tecnologia
FURG –	Universidade Federal do Rio Grande
LGBT -	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
OMS –	Organização Mundial de Saúde
PCN's –	Parâmetros Curriculares Nacionais
PME -	Programa Mais Educação
PPGE –	Programa de Pós Graduação em Educação
PPGEB –	Programa de Pós Graduação em Educação Básica
PUC-Rio -	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SPSS -	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
UERJ –	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFC –	Universidade Federal do Ceará
UFG –	Universidade Federal de Goiás
UFMT –	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPR –	Universidade Federal do Paraná
UFRJ –	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSM –	Universidade Federal de Santa Maria
UNESP –	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP –	Universidade Estadual de Campinas
UNOESC –	Universidade do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	178
2. METODOLOGIA	26
3. APRESENTAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES ANALISADAS	30
4. O QUE É BULLYING? COMO OS AUTORES PESQUISADOS ABORDAM ESSE CONCEITO	44
5.1. Agressão física ou psicológica.....	44
6.2. Entre Pares	48
6.3. Intencionalidade/ Repetição e frequência.....	51
6.4. Violência sem motivação / velada	52
7. CONSEQUÊNCIAS DAS PRÁTICAS DE <i>BULLYING</i>	56
7.1. Fatores de risco, tipos e caracterização dos envolvidos no fenômeno bullying: o que as publicações analisadas têm a nos dizer?.....	60
7.2. O perfil dos atores/personagens	63
8. UMA ANÁLISE DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS MAIS UTILIZADOS	66
9. INTERVENÇÕES E PROGRAMAS DE PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING	74
10. CONCLUSÃO	91
11. INDICAÇÃO DO PRODUTO	93
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A — Programa da disciplina	99

APRESENTAÇÃO

No ano de 2008, passei para o curso de Pedagogia na UERJ, universidade que sempre admirei desde pequena por frequentar o bairro de Vila Isabel. Eu via aquele prédio imponente e imaginava um dia poder estudar naquele lugar. Antes disso, frequentei uma escola técnica em que cursei o ensino médio, e outras duas instituições na educação infantil e ensino fundamental.

Acredito que, se não fosse o fato de eu ter me tornado alvo de *bullying* já no Ensino Fundamental, teria ficado na mesma escola até o ensino médio. De qualquer maneira, creio que uma vida escolar sadia pode contribuir para gerar adultos sem traumas, porém, o contrário pode revelar lacunas enormes na formação das personalidades e autoestima. A escola, ao mesmo tempo em que é um espaço de formação e transformação, reflete a sociedade moderna, dentro dos seus muros são reproduzidos e disseminados atos de violência e concomitantemente luta contra eles.

Diante disso, é possível dizermos que a criança, ao ingressar na escola, entra num mundo novo, com novos sujeitos, novos personagens, novas autoridades e inúmeras regras que antes não existiam na convivência familiar. E podemos supor que umas crianças se adaptam rapidamente às regras e rotinas, enquanto outras nem tanto.

Minha vivência escolar me permite relatar que a partir do Ensino Fundamental se tornou muito difícil ir à escola (e eu nunca entendia muito bem qual era o motivo); todos os dias vivia um processo muito doloroso: fosse por conta de minha aparência (usava óculos e aparelho dentário), pelo meu jeito quieto, ou pelo meu nome rimar com banana, por exemplo; tudo parecia levar a que eu fosse hostilizada por alguns de meus colegas de turma.

O fato é que eu havia sido “escolhida” e, sem poder argumentar, porque seria infrutífero, tive que “aprender” a (con)viver enfrentando tais situações.

Quando digo que não tinha escolha, talvez possa afirmar isso hoje, passados alguns anos e estudando o tema, que o *bullying* é algo velado. Pouquíssimas instituições de ensino reconhecem e/ou admitem que o seu espaço pode estar sendo utilizado para a reprodução de algum tipo de violência. Ou seja, nossos jovens, ao que parece, realmente ficam vulneráveis à omissão das instituições quanto ao fenômeno do Bullying.

O *bullying* é um fenômeno antigo, camuflado na maioria das escolas, muitas vezes encarado como “brincadeira de criança”, sem muita importância para os adultos. Dizem: Ora, brincadeiras de criança devem ser resolvidas entre eles próprios! Sendo que é justamente entre pares que as ocorrências de bullying ocorrem. A escola acaba agindo somente em casos extremos, quando a situação já se desenrolou e as consequências se tornaram ainda mais graves, como por exemplo, agressões físicas, suicídios, homicídio, etc. Aliás, agir em casos extremos é um reflexo da nossa cultura, que não é preventiva, mas sim combativa.

Voltando ao resgate das minhas memórias, posso dizer que vivenciei boa parte do meu tempo na escola, chorando, brigando e batendo, e em alguns casos, indo parar na sala da direção. Embora relatasse os fatos às pessoas que deveriam me proteger, a impressão que eu tinha era de que nada aconteceria, e ainda com o agravante de que a situação tenderia a piorar depois das minhas “queixas”. Na época, sair daquela escola seria difícil, uma vez que tinha bolsa de estudo por conta das minhas notas e dificilmente minha mãe conseguiria custear uma outra escola na mesma região.

Depois de tanto implorar no ambiente familiar, acabei sendo matriculada numa escola pública, localizada no bairro do Méier. Ia para a escola com uma amiga que morava no meu prédio e que lá estudava também. Decidi que nessa nova escola as coisas seriam “bem” diferentes.

Antes que alguém pudesse pensar em “zombar” de mim novamente, acabei escolhendo, logo em minha chegada, um alvo. Percebo hoje que fazia basicamente o que faziam comigo na antiga escola: criava apelidos e músicas com adjetivos depreciativos na tentativa de atingir o sujeito. Com isso, me tornei popular na escola. Recordo-me que tinham colegas que batiam palmas para o meu comportamento quando eu estava agredindo esse outro colega. Ao olhar para trás, penso que, talvez, esses que me apoiavam tinham medo de serem os próximos alvos.

Eu me tornei o que denominamos uma “praticante” de *bullying*. Isto, porque tinha medo de não ser aceita na nova escola e/ou de ser mais uma vez motivo de chacota por conta dos estereótipos contrários aos da revista adolescente que era febre na minha época de estudante, por exemplo. Os padrões que as revistas apontavam eram da jovem com corpo definido, cabelos lisos e compridos, sorriso, roupas e maquiagens modelares. Toda jovem dessa época queria ser uma garota “Capricho”.

Hoje, percebo que eu não queria mais ter que vivenciar o sofrimento e a angustia que aquelas agressões me causavam. Sem o suporte correto, tanto familiar quanto escolar, busquei as alternativas erradas: repetir o círculo do praticante e alvo do *Bullying* como dois lugares da mesma moeda.

Isso ocorreu durante um ano. Minhas ações eram motivadas pela aceitação das outras pessoas que se divertiam com as situações “engraçadas” que eu criava com esse meu colega de turma.

Acabei entendendo que não podia continuar fazendo aquilo. Adquiri essas noções através das filosofias propostas por instituições religiosas que frequentei na época (centros espíritas e igrejas católicas), ou seja, minha mudança de comportamento nada teve a ver com uma ação da escola, e muito menos pela intervenção de algum professor, mas sim pelo trabalho de conscientização e de tolerância disseminados pela vida religiosa. Cabe ressaltar que essa questão da religião é muito subjetiva e não garante uma instituição livre de violência, pois temos algumas escolas confessionais no Rio de Janeiro onde os índices de *bullying* são grandes.

Uma escola que trabalha para uma aprendizagem significativa almeja a formação do aluno ético, crítico e consciente do seu papel na sociedade. Os valores adquiridos na escola, são reproduzidos na vida adulta. Seria possível uma escola ter o caráter transformador sem corroborar os princípios de ética e moral em seu currículo?

Acredito no potencial destes valores (éticos e morais). Eles precisam ser trabalhados paralelamente aos conteúdos formais do currículo na escola de maneira natural, no cotidiano. Como tema transversal como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Eu tive acesso a esses valores através de uma religião, mas isso poderia ser algo com que a escola se preocupasse, uma vez que, quando trabalhamos esses valores, estamos contribuindo para a formação de um sujeito frente à vida de uma maneira mais ampla, para lidar com seus sucessos e frustrações.

Após minha mudança de atitude, eu e meu alvo de *bullying* nos tornamos amigos e assim somos até hoje. Mas, sempre me questioneei o porquê de a escola nunca ter se posicionado em relação aos fatos que aconteciam no interior de seus muros, mesmo tendo conhecimento da situação. A questão crucial é: por que

professores não interferem nesse tipo de “brincadeira” que acaba por desrespeitar, desmotivar, entristecer o seu aluno?

Durante a minha formação em Pedagogia na UERJ, não ouvi nada: nem sequer uma ação, seja ela em forma de palestra, seminário ou disciplina, relacionada com a temática do *bullying*. Inclusive, posso dizer que o termo *bullying* apenas apareceu em forma de estudo na minha vida após a conclusão do curso.

Após a minha formação de Graduação, em 2015, me deparei com as algumas situações de *bullying* na minha trajetória como professora e sempre tive a sensação de que minha formação foi falha. Seria velado o assunto até mesmo nas instituições de formação docente?

Bullying. Esse é termo que atualmente nomeia as ações desrespeitosas presentes em quase todas as escolas do mundo. É um fenômeno antigo, mas pouco problematizado, discutido, ainda avaliado dentro e fora do espaço escolar como um fator de desordem social.

Infelizmente, o cotidiano nos mostra que as iniciativas de enfrentamento deste problema ainda sofrem muito preconceito. Mesmo com a aprovação da Lei Federal n. 13.185 (BRASIL, 2015), a maioria dos profissionais de educação não sabe como agir diante da questão e acabam por banalizar os casos de violência dentro do ambiente escolar. É certo que a Lei ainda é recente, mesmo que o assunto *bullying* tenha sido veiculado com uma frequência significativa nos últimos anos nos meios de comunicação.

Analisando esse pano de fundo, aposto num estudo que se debruça sobre trabalhos de pesquisas acadêmicas que reúnem em seu corpo reflexões aliadas a práticas e/ou propostas de prevenção ao *bullying*, acreditando que terão muito a enriquecer o trabalho de profissionais que atuam em escolas.

Assim, opto pelo tema de investigação *bullying*, porque, além de fazer parte do meu cotidiano como educadora, também é um construto teórico que reúne memórias importantes que fazem parte daquilo em que eu me tornei e deixei de ser. O caminho que escolhi trilhar, dentro da minha história de vida, reúne muitas mazelas e, conhecê-las, me parece ser a melhor maneira de intervir na minha própria prática e os diálogos com os demais educadores.

A escola é espaço de vivência obrigatória da maioria de crianças, adolescentes e jovens; acredito que ela tem poder de transformação e criação de laços e vínculos potentes que influenciam e podem durar por toda a vida adulta.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos uma época de visíveis transformações e transições tecnológicas, um espaço-tempo em que crianças e jovens têm maior acesso às tecnologias que abarcam muitas facilidades, informações e transformações sociais. Martín Barbero (2006) considera que tais processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura nas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. Segundo o autor, que denomina essa era de “revolução tecnológica”, vivenciamos uma nova relação entre os processos simbólicos e os modelos de produção associados a novas formas de comunicação e transformação do conhecimento.

As notícias chegam muito mais rápido a qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, mas nem sempre foi assim. A produção do conhecimento, desde o início das civilizações, sempre se restringiu a uma parcela pequena da população, sendo as classes dominantes aquelas que detinham maior acesso à informação.

Com a (re)evolução da tecnologia, a alfabetização das populações e o fortalecimento da ciência, a velocidade de transmissão de informações e conhecimentos aumentou drasticamente, e o acesso por parte das mais variadas camadas da sociedade, também.

Segundo Fernandes (2001, p.23), “acesso, informação e conhecimento são entidades cada vez mais vitais em um mundo altamente competitivo e conectado, e quem não as conseguir estará inexoravelmente à margem de oportunidades”. Dessa forma, o conhecimento conquistado sugere um conjunto de dados, organizados e manipulados para serem disseminados, espalhados para o conhecimento do maior número de pessoas possíveis.

Se por um lado possuímos uma facilidade no que diz respeito ao acesso, por outro, nos deparamos com a qualidade daquilo que é veiculado. O discernimento para avaliar os espaços onde estão inseridos debates e novos campos de discussão, ou ainda a fonte na qual o indivíduo realiza sua busca pode interferir no seu resultado.

Segundo Machado e Machado (1996, p.69), “depende muito da condição de interpretação dos fatos e da determinação da inerência do dado pelo analista de sistemas”. Assim, é preciso saber interpretar os dados ou identificar a que este se

relaciona para que, durante uma busca, a informação venha dentro do contexto procurado.

Entendo a tecnologia como uma rede, com diversos instrumentos, em que algumas vezes nas mãos de um sujeito com uma formação moral “restrita”, privados dos debates sobre valores éticos na família e na escola, torna-se uma arma de disseminação de ódio e violência. A circulação de informações em diferentes culturas, seja aqui no Brasil ou do mundo todo, chega de modo “massificado” para nossas crianças e jovens. Ainda precisamos de mais espaços na escola para debater o volume de informações a que eles têm acessos.

Se por um lado a tecnologia é um fenômeno presente fortemente na sociedade atual, que está em constante transformação; por outro lado, atribuo a ela também a dissipação de um leque variado de fenômenos sociais, assim como a violência; ela se apresenta como um fenômeno antigo presente no nosso cotidiano e que atrelado a rede de informações transforma-se constantemente e necessita de estudos frequentes para compreendê-lo. O *bullying* é um tipo de violência específica, pesquisado neste trabalho, constatei que assim como o termo mais geral (violência) também não possui um único conceito para sua definição.

Segundo Michaud (1989), a violência varia de uma sociedade para a outra conforme também varia o momento histórico vivido. Quando uma forma de violência é amplamente divulgada pelas redes de tecnologias, ela tende a ser sentida por todos nós, podendo criar sentimentos diversos como insegurança, medo, doenças. Segundo Bauman, (2004, p.112) as notícias geram, ainda, uma espécie de isolamento das classes com maior poder aquisitivo, que buscam recursos para se proteger. Isso explica bem os condomínios autossuficientes, onde seus moradores não necessitam sair de um ambiente “seguro” para comprar algo que precisam.

Um contraponto desse fenômeno de violência está nos grupos de resistência, os movimentos sociais “afirmativos”, aqueles que são alvos, ou grupos de risco, de uma sociedade excludente que os tornam assolados constantemente, de diferentes formas e intensidade.

Os grupos de resistência são uma espécie de organização onde pessoas que sofrem com a mesma forma de violência se unem e podem tornar públicas as mais variadas formas de violência sofridas (com o auxílio de várias ferramentas tecnológicas) e fazer as devidas reivindicações ao Estado, exigindo assim providências coletivas para os enfrentamentos.

Como exemplo de grupos de resistência, cito: os movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais (LGBTs), os movimentos negros, os movimentos feministas, movimentos de pais de crianças com necessidades especiais, entre outros.

Sendo assim, a violência é presente na construção histórica do nosso país, descrita por autores como Sorel (1993) e Maffesoli (1987), como um ritual de negação revolucionária à ordem existente. Maffesoli destaca que:

Se a violência não cumpre esta função (*de tentar impor um limite*), ela "tende a se fragmentar em luta de cada um contra todos; pequena guerrilha fundada na atomização que faz com que a violência se dilua em agressividade mesquinha e cotidiana" (Maffesoli, 1987, p.19 – grifos nossos).

Ao buscar significados para a palavra violência no dicionário Aurélio, temos como resultado que essa "é a ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra algo ou alguém", bem como "ato violento", segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Violência é, portanto, o uso intencional da força física, poder, real ou sob forma de ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade (OMS, 2002).

Arendt (1990) traz uma importante reflexão acerca da violência, quando considera que estudiosos da política não podem ignorar sua estreita relação com assuntos humanos, a autora afirma ficar surpresa com quão pouco esse fenômeno é interrogado e investigado pelos cientistas. Arendt afirma isso há alguns anos atrás, mais precisamente na década de 90. Em um de seus estudos, traz a reflexão de que "a violência tem um caráter instrumental, ou seja, é um meio que necessita de orientação e justificação dos fins que persegue". Para a autora, esse fim está relacionado ao poder legitimado. (ARENDR 1994, p40-1).

Quando penso em poder legitimado, automaticamente me vem à memória os meus pares do tempo de escola, os *autores de bullying*, e o questionamento de quem lhes conferia aquele poder que os tornava, de certa maneira, superiores a mim. Não consigo responder a essa questão, mas é fato que os *expectadores* impulsionavam as ações: eram eles que assistiam, e, de certa forma, se divertiam, conferindo, assim, popularidade e poder aos *autores*.

As violências em suas variadas formas (simbólica, estrutural e física) materializam-se essencialmente nas relações interpessoais e em diferentes espaços

de convívio. Sua expressão entre jovens impacta quando chega à forma de tragédias, geralmente veiculadas em jornais e telejornais, em que percebemos que, como pano de fundo, é o preconceito, a discriminação e/ou a intolerância que a determinam.

Nesse sentido, aproprio-me de Bourdieu que, discutindo o conceito de violência simbólica em seu livro, conceitua:

A violência simbólica é o poder invisível o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ao mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989, p. 7)

A violência é um fenômeno histórico e atual, nesse cenário, há, segundo Bourdieu (2010), uma disputa simbólica social para impor um sentido ou significado legítimo ao que seria violência, em que alguns grupos têm sistematicamente mais chances que outros. As desigualdades sociais nesse contexto são desencadeadoras de violência.

Bourdieu caracteriza a violência simbólica como:

[...] toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural." Bourdieu (1997, p. 204)

Percebemos que a escola, muitas vezes, é um espaço em que as relações desiguais da cultura são multiplicadas através da legitimidade do discurso dominante e do poder simbólico, o que leva instintivamente o indivíduo a um posicionamento no espaço social seguindo padrões e costumes desse discurso. Assim, para Bourdieu (1997), a violência é a ação desse poder simbólico, numa complexa relação de interdependência entre condicionamentos materiais e simbólicos.

A escola deveria assumir, portanto, um papel importante na vida de todos os sujeitos, uma vez que é essa instituição que foi idealizada e “contratada” culturalmente como a instituição que deverá ou deveria desempenhar um papel social de transformação e construção da cidadania (FICAGNA e ORTH, 2010).

A escola é aposta de muitos jovens no que diz respeito à estratificação de classes sociais e é tida como um caminho para um futuro promissor. Entretanto, essa visão vem sendo desconstruída na nossa sociedade atual, a escola ficou desinteressante para muitos jovens (mesmo os das classes mais baixas), não acompanhou as mudanças da sociedade tecnológica.

Nossa relação com a escola começa bem cedo, saímos do seio familiar e encaramos novas possibilidades sociais. Ela contribui para a formação do cidadão que a sociedade espera que nos tornemos, partindo do princípio de que todos passam (ou deveriam passar) por essa instituição. A formação integral do sujeito se faz nas iniciativas do dia a dia, do convívio com a família, no meio social e na escola. Cabe lembrar que o surgimento da escola está relacionado ao fato da ascensão do capitalismo, sendo um importante instrumento doutrinador do Estado, pensando numa lógica mercadológica. Segundo Frigotto (1994), a escola é vista como formadora de material humano, mão de obra para o mercado de trabalho e como degrau para a ascensão social. Diante disso, possui mais possibilidades na vida e carreira quem está “melhor preparado” por essa instituição.

É muito importante que a escola de hoje tente despertar nos alunos a capacidade de compreenderem e atuarem no mundo em que vivem, facilitando o acesso às informações e contribuindo para a sua formação de maneira que possam atuar como cidadãos, organizando-se e defendendo seus interesses individuais e coletivos de forma justa e ética. Crianças, jovens e adultos precisam aprender a conviver em meio a regras (incluo aqui as regras sociais de convivência), leis e normas estabelecidas (FICAGNA e ORTH, 2010).

A violência simbólica é exercida, sobretudo na escola, quando a mesma assume um papel de principal agente educacional da sociedade, é essa instituição a responsável pela intencionalidade de aquilo que seus alunos aprenderão. Na perspectiva de Bourdieu (1992), a escola é uma instituição neutra, imparcial, ao tratar todos como iguais, uma vez que o que observamos é que as oportunidades são desiguais, ou seja, não são iguais para todos. A escola está longe de ser neutra ou imparcial e não deve ser alheia as particularidades de cada indivíduo que a frequenta.

É preciso levar em consideração que a bagagem cultural e situação socioeconômica de cada indivíduo pode fazer com que ele tenha ascenda dentro dos espaços sociais, como por exemplo, acesso a melhores universidades ou melhores oportunidades dentro do mercado de trabalho.

A escola não é a mesma para todos, seja numa questão curricular, ou física. É como se cada camada da sociedade possuísse assim a escola que “merece” ou a que “pode pagar”.

O conceito de capital cultural, utilizado por Bourdieu, serve para indicar todas as maneiras como a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida de um

indivíduo, quando economicamente um grupo possui mais possibilidades que outros, por investir mais, em educação, por exemplo. Nas palavras do próprio Bourdieu:

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural - de que são, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1979, p.02)

De uma maneira geral, a violência em suas diferentes formas resvala sobre a escola, é preciso compreender que a cultura educacional foi fundada sobre uma lógica que precisa ser desconstruída. É preciso formar um cidadão crítico questionador e com valores para uma sociedade mais justa.

O entendimento de que o mecanismo (re)produtor de desigualdades tem forte ação na escola, nos possibilita entender o aparecimento da violência sob outras formas, como o *bullying*, por exemplo.

Então, desse modo, por acreditar que seja necessário um diálogo sobre o *bullying* e as práticas escolares voltadas para a prevenção e contenção do problema em questão, essa pesquisa buscou desenvolver uma investigação acerca do que os pesquisadores da educação no Brasil têm abordado sobre o assunto.

Sabemos que, muitas vezes, dissertações e teses circulam em grupos restritos. Com esta pesquisa, acreditamos que poderemos contribuir para uma maior circulação dos conhecimentos produzidos, seja pela função organizadora dela, seja pelo seu produto final, parte dos requisitos para acedermos ao título de mestre em ensino no âmbito de um mestrado profissional, como é o caso do Programa de Pós Graduação em Educação Básica (PPGEB) vinculado ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj)

Nesse sentido, o objetivo primeiro desta investigação foi identificar estudos no banco de teses e dissertações da CAPES que trouxessem em seu contexto reflexões sobre *bullying* e educação, de modo a buscarmos mesmo contribuições de pesquisas recentes para instrumentalizar os profissionais de ensino para o enfrentamento desse problema nas escolas.

Recortamos os estudos realizados entre os anos de 2014 a 2016 com intuito de analisar as publicações mais recentes sobre *bullying* no espaço escolar, abarcando

assim, um ano antes da publicação da lei antibullying, o ano da publicação e um ano após a mesma. A busca foi no sentido de tentar observar se as publicações após a lei possuíam um caráter diferente no que diz respeito à prevenção.

Cabe registrar que acreditamos que a identificação precoce dos casos de *bullying* pelos atores das escolas, é um importante passo no processo de seu enfrentamento, uma vez que, na maioria das vezes, o aluno se sente indefeso e não sabe como agir diante dos acontecimentos.

O reconhecimento de práticas excludentes, a observação das brincadeiras, bem como o limite delas e a propagação de práticas de tolerância podem tornar a passagem pela escola mais feliz para todos.

A escrita desta dissertação está dividida em seis capítulos, que apresento a seguir:

No capítulo inicial “Metodologia”, descrevemos e fundamentamos os percursos metodológicos da investigação que nortearam nosso trabalho sobre as dissertações e teses analisadas.

No capítulo “Apresentação das dissertações e teses analisadas”, apresentamos uma breve síntese de cada trabalho de pesquisa analisado, visando dar uma noção, ao nosso leitor, do conjunto e da variedade dos trabalhos de pesquisa que foram tomados para a análise.

No capítulo “O que é *bullying*? Como os autores pesquisados abordam esse conceito”, abordamos a caracterização do fenômeno fazendo um levantamento a respeito dos tipos de *bullying*, os atores sociais envolvidos, questões inerentes à intencionalidade, repetição das práticas violentas, frequência dos acontecimentos, motivação e consequências que o fenômeno acarreta.

No capítulo “Consequências das práticas de *bullying*”, trazemos as diferenças e convergências nas visões das dissertações analisadas sobre os efeitos das práticas de *bullying* nas vidas dos seus atores, da instituição escolar e da comunidade.

No capítulo “Fatores de risco, os tipos e a caracterização dos envolvidos no fenômeno bullying: o que as publicações analisadas têm a nos dizer?” realizamos uma análise a respeito dos fatores de risco, os tipos de *bullying* encontrados na literatura escolhida e a caracterização dos atores envolvidos.

No capítulo “Uma análise dos referenciais teóricos mais utilizados”, avaliamos o conjunto dos referenciais do conjunto das obras, suas especificidades e diferentes caminhos.

O capítulo “Intervenções e programas de prevenção e combate ao *bullying*” constitui o objetivo central desta dissertação, que é o de buscar instrumentos para subsidiar os projetos “anti*bullying*” das escolas e influenciar a formação de professores.

Enfim, tecemos nossas considerações finais.

2. METODOLOGIA

Acreditamos que algumas condutas dos alunos, comportamentos e falas são muitas vezes traduzidas como “brincadeiras” por crianças (pares) e adultos no contexto escolar. Mas estas, em muitos casos, acabam por expressar forte preconceito, com a intenção de causar dor a alguém.

Essas atitudes são inapropriadas em qualquer espaço social, mas quando acontece dentro da escola, me causa estranhamento a falta de ação dos profissionais que ali atuam, já que a escola possui esse caráter de formação indenitária e transformação dos jovens.

Se não há intervenção institucional, o problema tende a crescer. Mesmo que não haja explícita evidência do *bullying*, o preconceito pode existir, pois é uma mazela social. Temos o *bullying* como a manifestação desse preconceito dentro do espaço escolar, entretanto, não é somente isso que o motiva, no meu caso, alternei meu papel de alvo para autor como uma estratégia de autodefesa.

Desse modo, a presente pesquisa se propôs a investigar a produção acadêmica dos programas de pós-graduação *Scrito Sensu* do Brasil nos anos de 2014 a 2016 disponíveis na base de dados da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes).

A metodologia escolhida para este trabalho foi, portanto, uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e investigativo.

Uma pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2010) é elaborada com base em material já publicado com o objetivo de analisar posições diversas em relação a um determinado assunto.

Segundo destacam Gil (2010) e Michaliszyn & Tomasini (2008, p.51), a pesquisa bibliográfica e documental é “ [...] desenvolvida a partir de referências teóricas que apareçam em livros, artigos, documentos, etc.” Junior (2009, p.49) adiciona ainda as fontes eletrônicas às definições anteriormente apresentadas, ao asseverar que a pesquisa bibliográfica é o tipo de pesquisa na qual o pesquisador busca em fontes impressas ou eletrônicas as informações de que necessita para desenvolver uma determinada teoria.

O trabalho se enquadra, ainda, como sendo uma pesquisa do tipo exploratória. As pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2010).

Oliveira Netto (2006) corrobora considerando que a pesquisa exploratória estabelece critérios, métodos e técnicas e visa oferecer informações sobre o objeto desta. Dessa forma, o processo descritivo, objetiva a identificação, registro e análise das características que se relacionam com o fenômeno ou processo pesquisado. Sendo assim, podemos trazer à tona uma maior familiaridade do fenômeno *bullying* e suas implicações dentro e fora da escola. Conhecendo melhor o fenômeno, podemos identificá-lo precocemente e criar ações estratégicas de enfrentamento e prevenção.

Os estudos exploratórios servem para que o pesquisador possa aprofundar o seu conhecimento sobre determinado fenômeno. Trivinõs (1987) acrescenta que se tratam de estudos que objetivam ao conhecimento da comunidade, população ou fenômeno, seus traços, problemas, hábitos, relações, dentre outros.

Nesse sentido, a busca foi por identificar dissertações e/ou teses que abordassem estratégias de intervenção e ações de prevenção do *bullying* no ambiente escolar.

Diante disso, utilizamos como descritor o termo *bullying*. Uma pesquisa inicial na base da CAPES em março de 2017, mostrou que nos anos de 2014 foram produzidas cinquenta e cinco (55) dissertações e/ou teses, no ano de 2015, noventa e três (93) e, no ano de 2016, quarenta e cinco (45) investigações acerca dessa temática. Temos um pico de trabalhos realizados no ano de 2015, justamente o ano da implementação da Lei 13.185, de Combate à Intimidação Sistemática, o *bullying* e uma queda no ano de 2016.

É importante salientar que a Plataforma Capes pode não ser um instrumento tão confiável, no que diz respeito ao lançamento de novos trabalhos e um estudo realizado posterior à data de coleta dos dados pode mostrar alguma diferença em relação ao resultado.

Para o refinamento da nossa pesquisa, agregamos alguns recursos disponíveis, dentre os quais destacamos: ano (2014, 2015, 2016), grande área de conhecimento (Ciências Humanas), área de conhecimento (Educação). A partir disso, encontramos um total de 30 estudos.¹

Desses 30 estudos, consideramos como critérios de recorte para a nossa pesquisa estudos que tivessem os termos: *bullying* ou *violência* no título e a presença

¹Havia muitos estudos voltados para a área da saúde, o que não era o foco deste trabalho, no entanto corrobora nossa hipótese de que a análise do fenômeno ultrapassa os muros da escola.

de pelo menos dois dos termos: “educação”, “escola”, “escolar” e “prevenção” no resumo, todos os trabalhos que não atenderam a esses critérios não foram analisados.

Após essa varredura, quinze (15) trabalhos acabaram por preencher os critérios definidos, entretanto, dois (2) deles ainda não se encontram disponíveis para leitura.²

Os treze (13) trabalhos restantes foram distribuídos no quadro abaixo em dissertações e teses, que serão analisados por categoria posteriormente. Vamos trabalhar com a nomenclatura “dissertações 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 e teses 1, 2, 3, 4, 5 e 6” para melhor analisar as ideias dos autores dos trabalhos, ficando assim divididos (TABELA 1).

Tabela 1- Títulos dos trabalhos acadêmicos da base de dados da Capes (2014-2016)

DISSERTAÇÕES	TESES
1- Revelação e ocultamento dos estudos sobre violência e violência escolar aos estudos sobre <i>bullying</i> – Larissa Leão de Castro – PPGE – UFG – 2015	1- Estratégias de prevenção e contenção do <i>bullying</i> nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha – Loriane Trombini Frick - Programa de PósGraduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP - 2016
2- Concepções de pais e alunos de escolas públicas inseridas em contextos de vulnerabilidade social sobre a ocorrência do fenômeno <i>bullying</i> no ambiente escolar – Clayton Luiz Zanella – PPGE – Unoesc - 2016	2- O desenvolvimento cognitivo dos autores de <i>bullying</i> : implicações para aprendizagem escolar – Maria Carolina Ribeiro - PPGE – Unicamp - 2016
3- <i>Bullying</i> na mídia: percepção de alunos sobre programações televisivas e ações na escola – Luana Silva A. M. S. Nogueira - FCT/UNESP - 2014	3- Programa mais Educação como proposta de intervenção para enfrentamento do <i>bullying</i> escolar: contribuições à Educação Ambiental – Samara Pereira Olibone - Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
4- <i>Bullying</i> na instituição educativa autor, alvo, espectador de quem estamos falando? – Michelle Sperotto Bortoncello – PPGE – Unoesc - 2014	4- <i>Bullying</i> e Surdez: Práticas educativas no contexto escolar. - Bruno Pierin Ernsen - PPGE – UFPR - 2016
5- Práticas de <i>bullying</i> escolar e a inclusão Educacional: A formação de Professores nesse contexto – Luana Zimmer Sarzi – PPGE – UFSM - 2014	5- Multiculturalismo e Ética / Moral em Educação: a retórica no discurso contra o <i>bullying</i> – Willian de Goes Ribeiro – PPGE – UFRJ - 2014

²Cabe aqui esclarecer que os autores responsáveis foram contatados por *e-mail* e informaram não ser possível disponibilizá-los, uma vez que seriam publicados, posteriormente, em forma de livro.

6- <i>Bullying</i> e Homofobia: um estudo com estudantes de uma escola pública – Patricia Bernardi Rocknbach – PPGEd – UFMT - 2014	6- “A escola não é um lugar fácil...Não mesmo!”: <i>bullying</i> , não-reconhecimento da diferença e banalidade do mal – Pâmela Suelli da Motta Esteves – PPGEd – PUC-RJ - 2015
7- Da concepção do <i>bullying</i> ao fenômeno da violência como manifestação da alienação: Uma análise onto-histórica – Kildilene Carvalho Matos Mota - Programa de PósGraduação em Educação Brasileira – UFC - 2015	

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os acontecimentos em seus cenários naturais, tentando entendê-los em termos dos significados que as pessoas conferem a cada um deles.

Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouin (2005) nos trazem que a pesquisa qualitativa identifica, através dos depoimentos dos atores sociais, aquilo que é importante dando significado ao que é transmitido por eles. Para Minayo (1995), a importância desse tipo de pesquisa está justamente no fato de que ela abarca um universo mais subjetivo, particular, ou seja: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Um trabalho qualitativo pode permitir diversas interpretações das informações obtidas pelo pesquisador, que é o responsável por sua coleta e análise de dados (Denzin e Lincoln, 2006). A coleta e junção desses dados quando analisados e divulgados podem ser um norteador importante para a prática docente diária.

Embora os resultados de uma dada pesquisa não possam ser tratados como padrão na resolução dos casos de violência e *bullying* na escola, esses dados podem ser de grande ajuda para educadores de diversas instituições escolares, bem como as ações de prevenção aqui reunidas.

Acreditamos que escola tem diversos significados na vida de uma pessoa, ela é tida como instituição obrigatória que prepara o sujeito para a vida adulta, para o convívio social, formação ética e moral. Os sentidos e significados desse espaço perpassam a vida adulta, podendo gerar boas lembranças ou possíveis traumas.

3. APRESENTAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES ANALISADAS

Neste capítulo inicialmente apresento um resumo do trabalho desenvolvido nas dissertações e teses que tomo como escopo deste meu estudo. Ao final, faço uma

breve análise comparativa de como cada trabalho recorta e analisa o tema *bullying* e sua intervenção na escola.

Dissertação 1 - Revelação e ocultamento: dos estudos sobre violência e violência escolar aos estudos sobre *bullying* – Larissa Leão de Castro

Essa dissertação realizou uma investigação sobre a conceitualização da palavra violência e as tendências predominantes na reconfiguração e discussão do termo em si até chegar ao desenvolvimento do termo *bullying* nas produções científicas. O estudo analisa dados e fatos sobre violência, buscando compreender em qual momento o termo *bullying* aparece em substituição a ele nas produções científicas analisadas.

O objetivo principal foi compreender o que mudou diante da terminologia *bullying* e o que isso traz a respeito da violência nas escolas, da problematização desse fenômeno nas escolas e como essa problemática vem sendo tratada. A justificativa se dá pela importância da reflexão sobre o tema, com a finalidade de superar os processos que produzem, mantêm e legitimam a violência refletindo a partir de Freud (1996), Adorno(1971;1985), Horkheimer (1985), Zaluar (1992; 1994 ;1999 ; 2005) , Souza (2010), Rodrigues(2012), Zuin (2002;2012), dentre outros³. A revisão bibliográfica produziu um e(stado do conhecimento da produção de dissertações e teses sobre violência escolar e *bullying* no Brasil no período de 2005 a 2012, para compreensão da reconfiguração da discussão da violência nas escolas até o desenvolvimento do termo *bullying* e expôs uma análise comparativa tanto das tendências presentes na produção científica de dissertações e teses sobre violência escolar quanto nas tendências da produção científica sobre *bullying* no Brasil. Ao final, analisa, interna e comparativamente, essas tendências predominantes com a perspectiva de discussão da violência em sentido amplo e sua relação com a escola. Além de analisar as tendências do conhecimento anterior que vinha se desenvolvendo na história, visando compreender as implicações dessa mudança.

Dissertação 2 - Concepções de pais e alunos de escolas públicas inseridas em contextos de vulnerabilidade social sobre a ocorrência do fenômeno do *bullying* no ambiente escolar – Clayton Luiz Zanella

³ As referências trazidas neste capítulo são originais das dissertações e teses analisadas, portanto nem todas serão encontradas na referência bibliográfica desta dissertação.

O autor analisa as concepções de pais cujos filhos estão em situações de vulnerabilidade social sobre o fenômeno do *bullying* no espaço escolar. O objetivo principal dessa pesquisa foi identificar as concepções de pais e alunos que frequentam escolas públicas inseridas em territórios vulneráveis e violentos sobre o fenômeno do *bullying* e suas implicações. A pesquisa traz uma abordagem descritiva de caráter exploratório e de natureza qualitativa. Os principais autores que embasaram a fundamentação teórica e o tratamento dos dados da pesquisa foram: Fante (2005); Lopes Neto (2005); Lima (2011); Silva (2010); Antunes (2008, 2010); Beane (2010); Franco (2012); Freedman (2004); Mildelton-Moz e Zawadski (2007), Carpenter e Ferguson (2011) e Maldonado (2011), dentre tantos outros que fomentaram discussões pertinentes.

Segundo a coleta dos dados, os principais resultados obtidos indicaram que 96,67% já ouviram falar sobre o fenômeno *bullying*; 43,33% indicam como principal consequência o fato de seus filhos não desejarem mais ir à escola; 70% concebem o *bullying* como uma brincadeira caracterizada pela maldade; 36,67% informaram que seus filhos já relataram situações de *bullying* vividas no ambiente escolar; 50% dos pais, ao se depararem com os relatos dos filhos, dialogaram com os mesmos e procuraram a escola para a tomada de providências; 80% dos pais concebem a instituição educativa como um bom lugar para se estudar, mas reconhecem nela a presença de conflitos interpessoais e violência. Nesta pesquisa, os pais sugerem uma maior aproximação dos professores, estabelecendo um vínculo mais significativo entre a instituição educativa e a família.

Dissertação 3 - *Bullying* na mídia: percepção de alunos sobre programações televisivas e ações na escola – Luana Silva A.M.S. Nogueira

Esse trabalho traz uma abordagem sobre o que é veiculado na mídia televisiva a respeito do *bullying*, temática que vem sendo pesquisada com mais frequência no Brasil nos últimos anos. A autora evidencia que o assunto tem sido interesse da mídia, mas o que circula tem evidenciado principalmente os casos que resultem em grandes tragédias, também não existem muitos estudos sobre isso.

O objetivo deste estudo foi propor uma análise de que os adolescentes compreendem sobre aquilo que é veiculado na televisão sobre a temática do *bullying*

e como isso pode influenciar suas concepções relativas a práticas na escola sobre prevenção e combate a esse fenômeno.

Foram aplicados questionários aos adolescentes de quatro escolas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), sendo duas públicas e duas particulares. Após a coleta de dados, o material foi analisado, dividido em categorias e interpretadas as respostas de maneira qualitativa com base em autores que estudam *bullying* (AVILÉS, 2006, 2013; FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008; PEREIRA, 2009; TOGNETTA, 2005, 2013; entre outros) e ainda, pesquisadores que tratam sobre mídia televisiva e/ou suas mediações (DANTAS, 2008; GOMES, 2004; GOMIDE, 2009; MARTÍN-BARBERO, 1992, 2009; RANGEL, 2010; entre outros). Após análise dos questionários, foram realizados grupos focais para identificar, pela visão dos alunos, quais as práticas de prevenção e combate realizadas nos ambientes escolares, e suas possíveis relações com casos veiculados na mídia. Diante disso, a pesquisa aponta que se faz necessário um trabalho efetivo de conscientização dos prejuízos causados pela prática do *bullying* e a (re)construção de valores, considerando que o ambiente escolar seja um espaço democrático no qual os alunos possam participar das decisões e ajudar a resolver situações como o *bullying*. Defende que a mídia educação possa se constituir numa alternativa para promover estas discussões e provocar reflexões sobre do tema.

Dissertação 4 - Práticas de *bullying* escolar e a inclusão educacional: a formação de professor nesse contexto – Luana Zimmer Sarzi

Este trabalho trouxe uma reflexão e elaboração de estratégias para atenuar as práticas de *bullying* na escola, visando à inclusão de alunos.

A pesquisa é qualitativa e a metodologia, centrada na pesquisa-ação de (Carr e Kemmis, 1988), embasou o processo relacionado à formação docente, de maneira a investigar a reflexão das práticas de *bullying* escolar e a constituição de alternativas para sua minimização e reconhecimento.

Os autores utilizados nesse trabalho foram: Garcia (2008), Fante (2005), Guareschi (2008), Silva (2010), Alkimin (2011), Silva (2013), Freire (1996), Gómez (1998) e Pimenta (2005).

Este estudo procurou compreender quais os processos de formação docente que se constituem frente ao *bullying* em um espaço constituído por uma diversidade de pessoas, saberes e práticas.

Os resultados obtidos com essa análise perpassam por discussões acerca da importância da formação docente para o reconhecimento do *bullying* na escola e estratégias para a minimização dessas práticas.

Nessa investigação foram encontrados nove casos específicos de *bullying* na escola e dois especificamente em alunos com necessidades educacionais especiais.

O objeto principal desta dissertação foi o desenvolvimento de um trabalho que permeie o controle da agressividade, a tolerância, o respeito às diferenças e às individualidades, ressignificando a prática docente de maneira a contribuir para que os alunos saiam da passividade e tornem-se agentes de suas aprendizagens e, assim, participantes do combate ao *bullying*.

Dissertação 5 - *Bullying* na instituição educativa autor, alvo expectador: de quem estamos falando? – Michelle Sperotto Bortoncello

Esta dissertação apresenta como objeto de estudo o *bullying* escolar e busca analisar um contexto particular de relações interpessoais conflituosas, que ocorrem no IFC- Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia. A autora durante a pesquisa de campo, observou o fato de um número significativo de estudantes apresentarem mal-estar, ansiedade, medo, sérias dificuldades na relação pessoal com os colegas, falta de motivação para estudar, entre outros. Por essa razão, a pesquisa teve como objetivo investigar a concepção de alunos do IFC – Campus Concórdia a respeito do fenômeno *bullying*, suas diferentes manifestações, causas e consequências. A metodologia utilizada na pesquisa se caracteriza como descritiva, de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa. A amostra foi constituída por 209 alunos, com idades entre 14 e 18 anos, pertencentes aos cursos de Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio (Agropecuária e Alimentos), abrangendo as turmas de 1º, 2º e 3º anos. Como procedimento de coleta de dados, foram utilizados o questionário e a entrevista. A coleta dos dados se deu em duas etapas, inicialmente houve a aplicação de um questionário abrangendo os 209 alunos, com a finalidade de diagnóstico. Posteriormente, foi realizada uma entrevista (tendo como base de coleta e análise dos dados coletados o método clínico piagetiano combinado a uso de

situações problema), aplicada a 5% dos alunos que participaram da primeira etapa, envolvendo 10 alunos. Para a análise dos dados, buscou-se aporte teórico, principalmente nos estudos de: Fante (2005); Lopes Neto (2005, 2011); Tognetta (2005, 2010, 2011); Tognetta e Vinha (2008, 2010); Gomes e Sanzovo (2013); Maldonado (2011); Goffman (1987); Eynng (2011); Campos (2010). Os resultados obtidos mostraram que um dos maiores desafios é a normalização da violência, já que este estudo evidenciou que os jovens até identificam situações de violência, mas agem com indiferença sobre algumas situações ou até mesmo confundem ações de *bullying* com brincadeiras.

Dissertação 6 - *Bullying* e homofobia: um estudo com adolescentes de uma escola pública – Patrícia Bernardi Rockenbach

Este trabalho objetivou investigar, a partir da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, como pensam, sentem e agem os estudantes diante de situações de *bullying* homofóbico, bem como quais aspectos morais estão relacionados a essas práticas.

Considerando teorias sobre a moralidade e estudos sobre *bullying* e adolescência, foram aplicados questionários em uma escola pública da cidade de Rondonópolis/MT. Participaram da pesquisa 43 adolescentes com idades entre 13 e 17 anos que responderam a um questionário contendo perguntas sobre o que eles admiravam nas pessoas e em si mesmos, se já haviam agredido outra pessoa e se já haviam sido agredidos e outras quatro perguntas para uma história, produzida pela pesquisadora, que descreve uma cena de *bullying* na escola.

Em todas as respostas, foram analisados elementos morais, bem como os sentimentos e pensamentos acerca do fenômeno *bullying*, principalmente com relação à vitimização. Os resultados indicaram que os estudantes participantes reconhecem os valores morais e éticos como relevantes para a vida. Pode-se dizer que no grupo estudado, a partir de todos os dados analisados, o *bullying* está sendo naturalizado dentro da escola, pois as ações contra as agressões, demonstradas pelos participantes, são ínfimas. Estas respostas reforçam a importância da mudança de paradigmas educativos, valorizando discussões e reflexão crítica da realidade escolar.

Os principais autores utilizados nesse trabalho foram: Abramovay (2002), Antunes e Zuin (2008), Araújo (2007), Bandeira (2010), Borrillo (2010), Castro (2006), La Taille (2006), Rogoff (2005), Tognetta (2008) entre outros.

Dissertação 7 - Da concepção do *bullying* ao fenômeno da violência como manifestação da alienação: Uma análise onto-histórica – Kildilene Carvalho Matos Mota

Este trabalho teve como objetivo analisar, à luz da ontologia marxiano/lukacsiana, uma das faces que a violência assume no contexto de crise estrutural do capital, o *bullying*. A análise deste trabalho, parte da compreensão da estrutura da sociedade em que vivemos onde há uma forte relação capital-trabalho para a produção de mercadorias. Com Engels (1979), que trata da teoria da violência, enquanto Marx (2008) analisa o caráter estranhado do trabalho, que se desdobra inclusive sobre o que este pensador denominou como autoalienação (sobre o indivíduo e sua relação com o gênero humano); Mészáros (2006), que tomou para si a tarefa de analisar as características da sociedade capitalista sob a crise inédita desse sistema, crise essa que agudiza os problemas da humanidade, o que, por conseguinte, acentua as formas de manifestação da violência. Ancorou-se nesses autores para demonstrar que são limitadas as análises empreendidas por diversos autores, de acordo com os quais o *bullying* se refere a atos violentos, sem motivação aparente, praticada entre estudantes no âmbito escolar, cujo fenômeno vem sendo estudado desde a década de 1970 em todo o mundo. Cita que Silva (2010) afirma que o fenômeno é um problema de saúde pública; e Fante e Pedra (2008) que afirmam que é necessário reconhecer o fenômeno, a fim de diferenciá-lo das demais formas de violência.

Defende que é possível dizer que o *bullying* não representa efetivamente um fenômeno novo, pois sua essência está ancorada nos condicionantes histórico-sociais cujo entendimento é fornecido pelo legado marxiano. Acredita que é somente esse legado que nos permite a compreensão da célula que preside a sociabilidade específica, a mercadoria. É a partir dessa célula que a autora crê que podemos entender o processo de desumanização dos próprios homens, do qual o *bullying* é uma expressão.

Tese 1 - Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha – *Lorine Trimbini Frick*

Essa tese teve como objetos de análise as ações de prevenção e contenção do *bullying* propostas por pesquisadores e pelas instâncias governamentais, no Brasil e na Espanha. Os objetivos da pesquisa foram, além de investigar as propostas de prevenção e contenção para o *bullying* encontradas nesses países, analisar e investigar as proximidades e distanciamentos entre elas.

A autora buscou, também, uma reflexão sobre as possibilidades de adequação das proposições *antibullying* da Espanha ao Brasil. A metodologia deste trabalho constituiu-se num estudo descritivo e exploratório de caráter qualitativo e teve como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a análise documental. A literatura analisada consistiu-se de teses, dissertações e artigos nos dois países (do Brasil: 3 teses, 17 dissertações e 6 artigos; da Espanha: 21 artigos) e nela foram descritos e analisados o desenvolvimento de estratégias *antibullying* de vários tipos e alcances.

As sugestões da literatura brasileira são mais relacionadas à promoção de ações de informação, sensibilização e conscientização que incidem nas relações interpessoais de modo mais amplo, como fomentar a vida democrática, a cooperação, as relações de amizade e o apoio no ambiente escolar. Também se referem à criação de regras e à capacitação profissional.

A ênfase da literatura espanhola se apresentou no desenvolvimento de ações que promovam aspectos como: a melhora das relações interpessoais, enfatizando os sistemas de apoio entre os alunos; o desenvolvimento emocional e a autoestima; o ensino de valores sócio-morais, via desenvolvimento de habilidades sociais e desenvolvimento moral; a capacitação docente e das famílias.

As estratégias governamentais brasileiras identificadas foram relacionadas à legislação *antibullying* aprovada em 19 estados e nenhuma em âmbito nacional (à época) e às ações desenvolvidas pelas Secretarias Estaduais de Educação, sendo que duas destas possuíam projeto *antibullying* específico, quatro tinham projeto de prevenção à violência escolar, que incluía o *bullying*, e, em 17 destas, havia ações isoladas; nenhuma ação do Ministério da Educação até aquele momento.

As estratégias governamentais espanholas identificadas foram relacionadas às normativas que faziam menção à prevenção ou à contenção ao *bullying* aprovadas nas 17 Comunidades Autônomas e em nível estatal; iniciativas do *Ministerio de Educación, Cultura y Deporte*; ações de prevenção e contenção ao *bullying* das *Consejerías de Educación* das 17 Comunidades Autônomas. Nos dois países, foram realizadas visitas em escolas (5 na Espanha e 2 no Brasil) que desenvolviam projetos *antibullying*.

A autora considera que a Espanha tem percorrido um caminho maior que o Brasil, em termos de atenção ao *bullying* pelas políticas educacionais, promovendo o desenvolvimento de ações *antibullying* dentro de uma perspectiva de melhora da convivência, por meio de planos de atuação institucionalizados, apostando nos sistemas de apoio, como a ajuda e a mediação entre iguais. São poucas as administrações educativas brasileiras – Secretarias de Educação – que têm projetos e que se baseiam na literatura científica para dar sugestões de ações para as escolas.

O estudo indicou que as políticas públicas brasileiras precisam investir na formação inicial e continuada dos professores, além da institucionalização de espaços e tempos nas escolas para o planejamento, avaliação, execução e acompanhamento das ações *antibullying*.

Tese 2 - O desenvolvimento cognitivo dos autores de *bullying*: implicações para aprendizagem escolar – Maria Carolina Ribeiro

A pesquisa teve como objetivo buscar maiores esclarecimentos para a compreensão do fenômeno do *bullying*, propiciar algumas reflexões sobre as estratégias educacionais e discussões propícias para o trabalho acerca dessa problemática. E, ainda, considerar a necessidade de se conhecer como esses meninos e meninas constroem suas estruturas cognitivas e se desenvolvem moralmente. Por meio desta pesquisa, buscou-se produzir conhecimentos que pudessem ser usados por professores e outros especialistas sobre a necessidade de conhecer melhor aqueles alunos e alunas que se envolvem frequentemente com situações de *bullying* (em especial, como autores), os quais trazem, no bojo de suas relações, características marcantes do sujeito psicológico em desenvolvimento.

O problema dessa pesquisa consistiu em investigar a relação existente entre o nível de desenvolvimento cognitivo/moral dos autores de *bullying* com o fato dos mesmos apresentarem dificuldades na aprendizagem.

A autora é professora da rede Estadual de Ensino há dez anos e, em sua experiência, observou que os autores de *bullying* geralmente apresentam maiores dificuldades de aprendizagem e especial na aquisição do conhecimento lógico observado na matemática. Tal fato a permitiu-lhe formular a hipótese de que lacunas no processo de desenvolvimento das estruturas cognitivas dos alunos que perpetram esse tipo de violência pode ser a razão para que os mesmos manifestem atitudes agressivas com seus pares.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: provas piagetianas para diagnóstico do comportamento operatório; questionário para a obtenção de dados demográficos e conceitos finais dos alunos com perfil de autores de *bullying* nas disciplinas de matemática e Língua Portuguesa. Os principais autores utilizados como referências teóricas foram: Aviles (2002), (2006), (2008), (2013); Almeida e Del Barrio (2002); Bandura (1999), (2002), (2001); Eslea et al., (2004); Fante, (2005); Hoover; Oliver & Hazler (1992); La Taille et (2009); Olweus (1993), (1994), (1997), (1999); Ortega (2001); Ortega et al. (2012); Plan (2010); Rigby (2005); Seixas (2005); Schwartz (2000); Tognetta et al. (2010); Tognetta & La Taille (2008); Tognetta e Rosário (2012); Fischer et al. (2012); Gini (2014); Piaget (1932); Puig (1998); Kohlberg (1989); La Taille (2006); Menesini et al. (2003); Obermann (2011); Tognetta et al. (2008), Tognetta, (2009), (2010); Tognetta, et al. (2016); Turner (2009).

Tese 3 - Programa mais educação como proposta de intervenção para enfrentamento do *bullying* escolar: Contribuições à educação ambiental –

Samara Pereira Oliboni

O Governo Federal criou o Programa Mais Educação (PME), o qual tem por objetivo promover a educação integral dos alunos nas escolas através de atividades socioeducativas em articulação com a comunidade, escola e família.

O objetivo principal deste trabalho foi avaliar os benefícios do PME para a prevalência do *bullying* escolar. Como objetivos específicos: verificar a prevalência e os tipos de *bullying* entre estudantes do Ensino Fundamental; investigar diferentes

elementos associados ao *bullying* e avaliar a contribuição do PME na redução do *bullying* escolar; analisar teoricamente o PME como uma possível estratégia micropolítica e microssocial de educação ambiental na contribuição para o enfrentamento da violência escolar, a partir do enfoque teórico de Guattari.

A pesquisa de caráter exploratória seguiu metodologia quantitativa, segundo a autora, quase-experimental. Participaram do estudo 406 alunos matriculados entre o 5º e o 9º ano do Ensino Fundamental de sete escolas públicas municipais de uma cidade da região do sul do Brasil, divididas em dois grupos: intervenção (G-PME) e controle (G-C). O G-PME formado por quatro escolas que possuem o PME e contou com 209 participantes. O G-C foi constituído por três escolas que não possuem o referido programa e teve a participação de 197 alunos. A coleta dos dados ocorreu em 2014, mediante aplicação de um questionário construído, submetido à avaliação de especialistas e validado através de testes estatísticos, como a análise fatorial e alfa de Cronbach. Os dados foram analisados com o software SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 22.0, e submetidos a análises descritivas, análise de variância (ANOVA), Qui-quadrado e ao Teste *t* de Student.

Os resultados evidenciaram elevada prevalência de alunos envolvidos com o *bullying*, sendo estatisticamente significativa a maior ocorrência entre meninas, destacando-se a sala de aula e o recreio como os locais de maior prevalência. Em se tratando do PME, os resultados demonstraram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as escolas do G-C e do G-PME, revelando que o PME pode sim intervir em situações de *bullying* reduzindo o número de vítimas.

Entre os tipos de *bullying*, verificou-se que o G-PME teve reduzida a maioria dos padrões de comportamento agressivo, com resultados estatisticamente significativos para “incomodação”, no caso das vítimas e “forçou a fazer coisas que não queria”, no caso do agressor.

Os principais autores utilizados nesse trabalho foram: Abramovay (2006); Bandeira (2011); Borges (2007); Carvalho (2012); Fante (2012); Francisco (2010); Frick (2011); Guattari (2011); Lopes Neto (2004); Minayo (2009); Olweus (1993); Ortega (2008); Pereira (2008); Souza (2008); Tognetta (2010); Waiselfisz (2011).

Os resultados revelaram, ainda, que no G-PME a satisfação dos alunos com a escola e a percepção da atuação da escola é estatisticamente significativa, sendo maior do que a das escolas do G-C; assim como a frequência de situações de *bullying* (vítima) é estatisticamente significativa, sendo menor nas escolas do G-PME. Por fim,

pode-se comprovar que o PME atua como uma estratégia micropolítica e microsocial que pode contribuir com a educação ambiental para o enfrentamento da violência escolar e *bullying*.

Tese 4 - *Bullying* e surdez no contexto escolar – Bruno Pierin Ernsen

Essa pesquisa teve como objetivo examinar as características do *bullying* envolvendo pessoas surdas e pessoas ouvintes, além de descrever a percepção de estudantes surdos sobre o clima escolar. Os estudos surdos, em especial na educação de surdos (oralismo; comunicação total; educação bilíngue) contribuíram epistemologicamente para a fundamentação da pesquisa. A dissertação trouxe uma abordagem a respeito do problema do *bullying* e, nos objetivos da pesquisa, destaca a questão da identidade do pesquisador como sujeito surdo.

Na revisão de literatura, foram abordados os conceitos de *bullying* e da vitimização entre pares, a partir da teoria da Bioecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011), os sinais referentes à temática em Libras (Língua Brasileira de Sinais).

O estudo concentrou-se em duas escolas públicas inclusivas, uma em Curitiba e outra em São José dos Pinhais . Foi conduzido por meio da aplicação de questionários respondidos por estudantes surdos e ouvintes, com o apoio de intérpretes de Libras.

Os dados apresentados na pesquisa não indicaram diferenças nos níveis de vitimização entre pares percebidos por estudantes surdos e ouvintes, exceto quanto à agressão envolvendo características da interação de estudantes surdos na escola (exemplo: discriminação pelo uso da Libras).

A análise dos itens relativos à surdez apontou que os surdos oralizados e os surdos com implante coclear apresentaram diferença significativa quanto à vitimização quando comparados com os surdos que utilizam somente sinais, uma vez que os estudantes com surdez que fazem uso da LIBRAS tendem a provocar colegas surdos por serem oralizados e não usarem a língua de sinais. Salienta-se, porém, que, de modo geral, a vitimização entre pares mostra-se bastante elevada entre adolescentes surdos e ouvintes nos contextos em estudo.

Essa pesquisa destacou a importância da inclusão de variáveis sócio demográficas relacionadas à surdez em estudos sobre o *bullying* e discriminação na

escola, ampliando a base de conhecimento sobre o problema em contextos educacionais brasileiros.

Os principais autores utilizados nesse trabalho foram: Amaral (1998), Na say (2009), Bandeira (2012), Barbosa (2013), Barter (2011), Berger (2008), Campbell (2007), Cross (2008), Dorziat (1999), Fante (2005), Fernandes (1998), Felipe (2007), Freire (2014), Lisboa (2009), Machado (2008), Olweus (1978), Seixas (2005), Silva (2009), Tognetta (2013), Weiner (2013)

Tese 5 - Multiculturalismo e ética / moral em educação: A retórica no discurso contra o *bullying* – William de Goes Ribeiro

Este trabalho traz a questão dos programas anti*bullying* na escola como aspecto relevante para pensar na educação para a pluralidade cultural. O objetivo foi refletir em que medida as práticas, para prevenir o *bullying*, sugerem uma ética multicultural, atentando para a relação entre os profissionais da saúde e a comunidade escolar.

A metodologia foi baseada no estudo de caso. Serviram de instrumento documentos – como relatórios, *folders* e as entrevistas semiestruturadas com um dos coordenadores da referida instituição e um coordenador de uma unidade escolar na qual o trabalho foi realizado.

Os principais autores utilizados nesse trabalho foram: Candau (2010), (2005), (2002), Russo (2011), Mato (2009), Oliveira (2010), Wash (2009a), (2009b), Leite (2009), Assis e Canen (2004), Peters (2005), Santos (2009), Ribeiro (2008), (2009), Hall (2003), Macedo (2006), Meyer (2007a), (2007b), McLaren (2000), Moita Lopes (2002), (2003), Moreira (2006), Garcia e Lobo (2002), La Taille (2006), (2007), Sousa Santos (2007), Baumann (2005), Silva (2007), Lopes Neto e Saavedra (2003), Lopes Neto (2005), Matos e Gonçalves (2009), Zuin (2008).

Segundo o autor, os resultados indicam limites, escolhas e apostas no que tange à sustentação de uma educação anti*bullying* no cotidiano escolar. Após a análise dos dados, foi possível perceber que a afinidade entre as práticas de *bullying* e discursos como o racismo, o machismo e a homofobia carecem de maiores aprofundamentos, pois há uma patente dificuldade em se visualizar que a temática não se limita aos aspectos individuais, mas a uma prática social complexa, que envolve a relação entre identidades e diferenças. Contudo, foi observado que construir

uma ética multicultural pode interferir positivamente nesse contexto, ajudando a promover a escolha pelo diálogo em vez da violência.

Tese 6 - A escola não é um lugar fácil... não mesmo!: *bullying*, não reconhecimento da diferença e banalidade do mal – *Pâmela Suéli da Motta Esteves*

Essa pesquisa teve como objetivo principal conhecer, interpretar e compreender as relações entre pares permeadas por práticas agressivas atualmente conceituadas como *bullying*.

A investigação foi realizada em uma escola estadual do Rio de Janeiro, com alunos e professores do Ensino Médio. A autora buscou investigar a percepção desses sujeitos acerca do *bullying*, enquanto um tipo específico de violência escolar. A investigação sugeriu o *bullying* como uma intolerância em relação à diferença. A autora percebeu que a intolerância em relação ao *bullying* é insuficiente para explicar a gravidade das agressões. Além disso, buscou investigar também o *bullying* como um comportamento maliciosamente banal que, segundo ela, se origina da incapacidade de pensar e refletir sobre o significado e as consequências das ações. Ainda de acordo com a pesquisadora, essa incapacidade de reflexão tem por base o projeto atual de sociedade que não valoriza uma proposta educacional voltada para o pensamento e para a reflexão. Os autores Charles Taylor e Axel Bonnet e Hanna Arent foram a fundamentação desse trabalho e, com eles, foi construída a hipótese principal do mesmo.

A metodologia utilizada neste trabalho contou com uma extensa revisão bibliográfica, pesquisa de campo, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com 8 professores e 10 estudantes que se voluntariaram para a pesquisa.

Concluiu que os estudantes conhecem o fenômeno e sofrem com ele, mas não confiam na escola para ajudá-los no enfrentamento dos problemas. Os professores, por sua vez, sabem identificar os casos, mas não se preocupam em compreender os motivos que levam a essa prática e a gestão da escola nega as ocorrências e interpreta os acontecimentos como brincadeiras, evidenciando que a problemática do *bullying* configura-se como um tema marginalizado e banalizado na escola.

Todos os trabalhos analisados trazem abordagens importantes a respeito do conceito do fenômeno *bullying* e mostram os diferentes cenários onde esse pode se apresentar. As dissertações 2, 3, 4, 5 e 6 e as teses 3, 4, 5 e 6 refletem sobre o que os atores da comunidade escolar (alunos, pais e professores) percebem sobre a caracterização das práticas e discutem sobre prevenções possíveis. É relevante perceber que eles sabem bem o que significa o fenômeno e como pode se manifestar.

Partindo para a prevenção e a discussão a respeito do enfrentamento, destaca-se que as ações sugeridas nas dissertações e teses destacadas só se mostraram possíveis por fazerem parte da realidade em que a escola está inserida, principalmente, quando a formação do professor também é levada em conta como um fator importante.

Na pesquisa da tese 2, conseguimos perceber que a escola quando se omite aos casos de *bullying* interfere substancialmente no processo de aprendizagem do aluno. Como um aluno que vivencia sentimentos tão subjetivos, na maioria das vezes sozinho, conseguiria aprender matemática, por exemplo?

A tese 3 que nos traz uma proposta de intervenção junto ao Programa Mais Educação (PME) e busca a erradicação dos casos de *bullying* através da inserção da educação ambiental como um projeto macro; nele são trabalhados os valores que devem ser cultivados numa vida em sociedade; de uma forma natural é entendido pelos alunos que as ações precisam ser compartilhadas e o respeito ao próximo junto aos valores éticos e morais dão certo quando fazem parte de uma visão mais abrangente daquilo que é comum a todos.

Os trabalhos das dissertações 1 e 7 não nos revelarem ações concretas para erradicação do fenômeno *bullying*, destacam-se nesses textos o entorno do fenômeno e o fator histórico que justifica a sua presença hoje. Constata-se que a mudança precisa ser em toda a sociedade, mas se na escola pudermos formar jovens com uma consciência social, aos poucos mudaremos o cenário que tanto nos preocupa.

4. O QUE É BULLYING? COMO OS AUTORES PESQUISADOS ABORDAM ESSE CONCEITO

Neste capítulo, analisamos a percepção do fenômeno *bullying* nas diferentes pesquisas estudadas através dos conceitos por elas expressos.

Percebemos que o *bullying*, de maneira geral, é descrito como um abuso de poder físico e/ou psicológico sempre entre pares, ou seja, no nosso foco, na interação entre os estudantes, que frequentam o mesmo ambiente escolar, em que pode haver uma forte relação de poder, dominação, humilhação e conformismo... Os sentimentos provocados por essas ações sobre a pessoa alvo levam à crença na impossibilidade de desviar-se das ações de vitimização, raiva, medo, baixa autoestima, entre outros. As ações que permeiam os atos violentos abarcam formas diversas que vão desde colocar apelidos, discriminar, humilhar, excluir socialmente até divulgar comentários ou fatos maldosos, roubar, agredir fisicamente e atormentar, entre outras formas de manifestação.

5.1. Agressão física ou psicológica

Na dissertação 1, a autora aborda a temática da agressão relacionando-a como um ato de incivilidade e/ou indisciplina, neste trabalho temos a presença de uma polissemia de concepções distintas de violência escolar, onde é notória a reprodução e a representação da violência da sociedade no ambiente escolar. É um trabalho conceitual que enriquece quando nos questionamos a respeito do surgimento da violência e de suas varias manifestações.

Os conceitos de violência podem ser divididos em: violência física, simbólica, psicológica e verbal. A autora aponta ainda que a agressividade e os atos violentos que se desenrolam através do *bullying* são relacionados ao preconceito presente na relação entre os pares, justamente da forma como se apresentam na sociedade hoje, sem muita razão lógica, mas com intencionalidade. Entretanto, acrescento, que outros fatores podem desencadear o *bullying*, como o medo, por exemplo, o medo de ser o alvo novamente, pode se tornar o motivador da inversão dos papéis, como no meu caso por exemplo.

Na tese 1, a agressão é associada à exclusão social mais direta (não deixar participar), à agressão verbal indireta (falar mal pelas costas), à agressão física direta

(bater) e indireta (quebrar, estragar ou roubar objetos dos alvos), a ameaças (chantagens ou ameaças com armas) (*DEFENSOR DEL PUEBLO*, 2007). A criança ou jovem precisa de aceitação de seus pares para seguir feliz na escola, e exclusão causa angústia e quase sempre a criança se vê como inferior e leva essa dor por anos e anos.

Para complementar essa caracterização, a Tese 4 defende a hipótese de que o *bullying* pode ser analisado em níveis de agressividade, iniciando com provocações verbais, agressões físicas, humilhação entre outros.

Na dissertação 2, a autora traz um dado interessante que diz respeito a uma maior incidência de atos violentos nas camadas sociais mais vulneráveis. Neste trabalho, é realizado um estudo de caso no qual foram ouvidos 631 “atores escolares” que expressaram que os professores têm dificuldades em lidar com a realidade vivida por alguns alunos (nesse contexto, em situação de vulnerabilidade social⁴). Já o corpo discente, segundo aponta, vivencia uma violência estrutural que se expressa no espaço escolar, com danos ao patrimônio, apelidos, situações desrespeitosas, revides, refletindo a cultura da violência existente na nossa sociedade. Quem vivencia diariamente a violência acaba a naturalizando; um bom exemplo é quando entramos numa comunidade, onde moradores e traficantes armados dividem o mesmo espaço, frequentam os mesmos pontos comerciais e até mesmo escola. Mas isso não quer dizer que o morador não se incomode, mas a situação já é tão natural que ele não a vê de maneira diferente.

Diante das ocorrências de agressividade, a dissertação 3 traz uma particularidade com relação aos alvos classificados como passivos, ou seja, aqueles que não revidam as ações violentas, repetitivas e sofrem isoladamente as consequências destas. Enquanto os alvos que revidam e explodem são chamados de provocativos (Batsche & Knoff, 1994).

Apoiando-se em Fante (2005), a autora (dissertação 3) ressalta que uma das características desses alvos é a falta de confiança em si mesmos, o que revela uma

⁴O conceito de vulnerabilidade social na América Latina é recente. Foi criado com o objetivo de ampliar a análise dos problemas sociais, ultrapassando o identificador renda ou a posse de bens materiais. E está vinculado às concepções do Estado de Bem-Estar Social. No Brasil, podemos dizer que as principais vulnerabilidades que acometem as crianças e os adolescentes são os riscos inerentes aos problemas relacionados ao alcoolismo e conflitos entre casais, passando por todas as formas de violência de que possam ser testemunhas ou alvos. Engloba também as vulnerabilidades do local de moradia provenientes da precariedade de oferta de instituições e serviços públicos, a falta de disponibilidade dos espaços destinados ao lazer, as relações de vizinhança e a proximidade com o tráfico de drogas. (Fonseca, 2013, pg 261)

baixa autoestima. Autores como Tognetta (2010 e 2013) destacam que os alvos de *bullying* podem acreditar na imagem que os agressores tentam impingir a eles. Isso quer dizer que de tanto sofrerem as agressões psicológicas, passam realmente a se ver como inferiores aos demais alunos, são insatisfeitos com sua aparência, cabelo, cor da pele, roupas etc. Tomando como “verdades” o que deles dizem seus pares praticantes de *bullying*.

Tornam-se uma violência psicológica, cujos danos podem ser avaliados a longo prazo e até mesmo na vida adulta. São as já mencionadas memórias escolares tão importantes na vida de qualquer sujeito e que podem causar insegurança na vida adulta.

Nem todos os alvos permanecem passivos em situações de *bullying*: aqueles que se aceitam mais em relação às características que os distinguem das demais pessoas e são mais autoconfiantes não demonstram medo dos autores. Esse tipo de alvo pode revidar as situações violentas, contudo essas são ineficazes, pois não sanam os problemas. É o caso do menino Casey Heynes, australiano com 16 anos na época que circulou em um vídeo na web revidando uma agressão. Apesar do apoio da rede, o menino foi suspenso das aulas na escola onde estudava. A escola resolveu o problema com uma punição aos envolvidos, não houve uma ação preventiva ou de enfrentamento do problema.

O autor da dissertação 4 diferencia o *bullying* das demais ocorrências violentas no espaço escolar. Para ser caracterizado *bullying* é preciso que as ações sejam repetitivas, entre pares e com intencionalidade.

As autoras, Fante (2005) e Tognetta (2011), apontam que o diferencial entre o *bullying* e os “maus tratos” ocasionais é a intencionalidade e a repetição das agressões sempre com o mesmo alvo.

Buscando não mascarar o fenômeno, a nomenclatura *alvo* e *autor* são utilizados no intuito de evitar que os atores do *bullying* sejam vistos fora da dinâmica de papéis que o fenômeno pode fomentar, como no meu caso citado na introdução dessa dissertação, quando eu narrei que passei de alvo a autora e, depois, fui capaz de abandonar os dois papéis e hoje me ocupar da escrita desta dissertação.

Ainda nesse trabalho há uma reflexão interessante no que diz respeito às características dos autores: uma associação de liderança que é legitimado muitas vezes pela força física ou intenso assédio psicológico, as aversões às normas e o fato

de não gostarem de ser contrariados oprimindo assim os alvos, mas nunca agindo sozinhos.

A tese 2 diz que, em situações de agressão, meninos e meninas, embora saibam o valor das regras que proíbem causar prejuízo ao outro, as quebram, cientes de que causam dor e angústia às vítimas. (Turiel, apud tese 2, 2016). Os autores de *bullying* julgam as regras morais (ou sociais) como frágeis. Não há uma investigação das ocorrências e trabalho de conscientização da comunidade escolar. Esses atores intimidadores tendem a justificar sua conduta para não se sentirem tão culpados e manter uma boa imagem, condizente com o padrão internalizado por esse sujeito, evidenciando uma formação indenitária dentro da moral vigente.

A tese 3 propõe que no *bullying* a vontade de prejudicar o outro pode ser reflexo da violência que foi reproduzida em algum ambiente social como a própria casa por exemplo, quando o jovem vivencia situações violentas, tende a reproduzir na escola. Os atos violentos podem desencadear sentimentos como: ansiedade, raiva e estresse, medo, ódio entre outros que podem desestabilizar o sujeito que, por sua vez, alterna seu papel dentro do fenômeno, passando de alvo a autor, reproduzindo assim o comportamento agressivo vivenciado em outras situações, escolares ou familiares.

Justamente por essa razão, o autor da tese 5 traz uma reflexão acerca da desumanização do praticante de *bullying*, que é tido como “monstro” na comunidade escolar, daí a importância de uma análise multidimensional dessa problemática. Alguns estudos apontam que o autor de *bullying* tem o potencial de se tornar um delinquente no futuro, decorrentes de seus problemas sociais, pois agem sem se preocupar com as retaliações. (Pereira, 2002 in apud Olweus, 1978, 1987). Acredita-se que eles vivam em ambientes agressivos ou de muita permissividade. Segundo Freire (1994, pg.16): “a violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação - a do ser menos. Como distorção do ser mais, os ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra os quem os fez menos.”

Dessa maneira, podemos perceber o quão importante é o trabalho com os autores de *bullying*, eles também precisam ser acolhidos, assim como os alvos, não minimizando o que foi feito é claro, mas humanizando esse ator, chegando aos poucos as razões que o fizeram agir com hostilidade.

A tese 6 traz a necessidade de que o autor de *bullying* se entenda como um sujeito de direitos e deveres, inclusive no que diz respeito ao direito de diferenciar-se dos demais, onde essa diferença deve ser reconhecida e aceita. Desse modo, a autora

traz a dificuldade do sujeito em compreender o outro, e colocar-se no lugar dele, assim apropriando-se das relações que estabelecem esse ponto de vista.

Muitas vezes o autor de bullying, não vê os atos que pratica como violência, não percebe o que pode ou não fazer mal realmente. O princípio da empatia só faz sentido quando o fenômeno for entendido de uma forma mais profunda dentro da escola, com ações de conscientização, por exemplo.

Na dissertação 4, ressalta-se a importância da caracterização dos episódios violentos, no sentido de não minimizar os acontecimentos, assim possibilitando a compreensão das atitudes dos atores desse fenômeno. Quando a escola não dá a gravidade que cabe a cada fato ocorrido, os atores também não; os autores de bullying acreditam que tais atos são naturais da escola, são brincadeiras, e os alvos podem acreditar e internalizar que podem merecer as ações contra si.

Na dissertação 7, destaca-se o caráter repetitivo da agressão e o fato de que pode haver algo específico nos alvos. O autor aborda o estranhamento como motivação e a não aceitação das diferenças como um todo. Destaco, como exemplo, o racismo.

A violência que assola a sociedade invade as escolas. Não me causa estranhamento essa não aceitação da diferença quando lembro que foi preciso, por exemplo, uma ação afirmativa de cotas dentro da Uerj para o ingresso de negros e estudantes de escola pública nos cursos superiores.

Se o acesso à universidade precisou de uma ação, é fato que as diferenças são significativas. Mesmo dentro da universidade, tínhamos pessoas contra essa ação, alegando que o vestibular deveria ser apenas meritocracia, desconsiderando que a educação não é a mesma para todos. Não aceitar a diferença do outro exclui; seja de qual for o lugar, isso cria oportunidades diferentes e inferiores não só para o acesso à universidade, onde 'diferentes' não têm vez, mas também as oportunidades no mercado de trabalho, o negro no Brasil, já começa a vida precisando firmar e a lutar pela identidade que o constitui.

6.2. Entre Pares

Na dissertação 1 e na tese 2, o termo “entre pares” aparece como decorrência das relações e das práticas sociais dentro da escola. O *bullying* passa a designar

violência escolar e nesse sentido, temos a impressão de que essa violência passa a ser vista como algo próprio dos alunos. O que sabemos não ser.

As autoras das dissertações 2 e 3 e da tese 3 complementam dizendo que os agressores utilizam como ferramentas a manipulação e o poder arbitrário com seus pares. Essa manipulação é algo que pode ser extensivo às testemunhas, que acabam participando do processo. Os expectadores participam muitas vezes dos atos de violência por medo de se tornarem os próximos hostilizados.

Para o autor da dissertação 6, justamente o fato do *bullying* ser caracterizado como uma agressão entre pares, ou seja, jovens que frequentam o mesmo espaço, dá ao fenômeno a possibilidade de ser entendido, prevenido e amenizado em sua especificidade. O universo é o mesmo: escola, se o assunto for trabalhado nela, os reflexos da violência podem ser amenizados e até mesmo erradicados em ações a longo prazo.

Na dissertação 7, o caráter intencional e repetitivo é presente na caracterização e destaca que de forma explícita ou velada, material ou imaterial, física ou psicológica de cunho moral ou ideológico, generalizada ou pontual, individual ou grupal, amena ou acentuada, a essência do *bullying* é a violência.

A dissertação 4 traz à tona a relação de pertença que os adolescentes buscam com os grupos e a necessidade de se sentir igual ou seja, parte deles, esse é um processo que pode ser saudável e importante para o amadurecimento psicológico na preparação para vida adulta. O adolescente precisa se sentir querido entre seus pares. E esse mesmo sentimento parece estar presente na produção do fenômeno do *bullying*.

Na discussão da tese 1, observamos que a autora traz dados de estudos que apontam que, enquanto os alunos seguem ameaçados, intimidados, excluídos, humilhados ou menosprezados por seus pares, as autoridades escolares continuam sem perceber que de fato há um problema.

O fenômeno do *bullying* configura-se diante das diversidades das ações que o compõem, ou seja, é por conta dessas dinâmicas de atitudes agressivas, entre pares, que o fenômeno tem sido confundido com “brincadeira” por muitos profissionais da comunidade escolar e familiares, por isso a importância de um olhar mais atento para identificação dos casos, nos diferentes espaços escolares e em situações diversas vivenciadas pelos alunos.

Na tese 5, a autora traz uma reflexão relevante sobre essa característica do *bullying* na escola: uma de suas peculiaridades é que ele é praticado entre pares, isto é, entre colegas. Entretanto, se um professor é denunciado pela prática de atos de violência sistemático contra um aluno, tal comportamento configura-se como abuso. Essa configuração relacionada ao abuso é por conta justamente da relação hierárquica professor/aluno. A mesma de uma empresa chefe/empregado. Nesse sentido um dos atores possui uma relação de poder maior que o outro.

Sobre isso, cabe um apontamento importante, na tese 1, o termo não foi traduzido por se tratar de algo muito complexo e com muitos significados, na concepção de Calhau (2011, p.6 na dissertação 1 2015, p. 50) “*Bullying* é um assédio moral, são atos de desprezar, denegrir, violentar, agredir, destruir a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação alguma e de forma repetida”, vale a pena refletir sobre o posicionamento desse autor, que traz o *bullying* como um assédio moral, Barreto (2003) nos diz que assédio moral é:

A exposição de trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções, sendo mais comuns em relações hierárquicas autoritárias e assimétricas, em que predominam condutas negativas, relações desumanas e aéticas de longa duração, de um ou mais chefes dirigida a um ou mais subordinado(s), desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização, forçando-a a desistir do emprego. (p. 80)

Diante disso, creio que há um entendimento equivocado de Calhau 2011, quando ele usa o assédio moral para definir o fenômeno do *bullying*, não levando em consideração as diferenças entre o assédio moral e o *bullying*. No segundo, por tratar-se de uma ação entre pares, a hierarquia não está posta e sim é construída no próprio processo da relação de *bullying*. No primeiro, a hierarquia é um *a priori*.

Nos demais trabalhos utilizados nesta dissertação a palavra *bullying* vem acompanhada da expressão “entre pares”, o que imediatamente nos remete a algo que acontece entre jovens, de mais ou menos mesma faixa etária que frequentam a mesma escola.

Considerando o elemento hierárquico como um *a priori*, pode-se perguntar: seria *bullying* se o professor fosse o praticante? Ou esta sim seria uma relação de assédio moral? Entendemos que essa relação caracterizasse por assédio moral, por não ser entre pares.

A autora da tese 6 ressalta que o *bullying* não atinge somente o alvo, ele interfere no cotidiano dos pares que fazem parte desse processo. Os agressores, por muitas vezes banalizam o mal, com o objetivo de justamente atingir seus pares, enquanto as vítimas e testemunhas, envolvidas nessa banalidade contribuem para a efetivação do fenômeno, quando não denunciam e/ou não conseguem agir/reagir, por talvez acreditarem que aquela maldade é algo natural. Daí o importante papel da escola na desconstrução dessa realidade.

Ainda segundo a autora (tese 6), Arent (1999) afirma que o mal diz respeito ao isolamento ou à ignorância acerca de si próprio e do mundo. Diz também que a pluralidade humana, nesse sentido, assume então um duplo aspecto de igualdade e diferença. Se os homens não fossem diferentes, não seriam então necessárias ações voltadas para estabelecer esclarecimentos e, se não fossem iguais, não seriam capazes de compreender-se entre si ou fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações futuras.

6.3. Intencionalidade/ Repetição e frequência

Em todos os trabalhos analisados nessa dissertação, o caráter intencional é abordado. O fenômeno do *bullying* se diferencia de outros episódios violentos entre outros aspectos, justamente pela intencionalidade. O praticante de *bullying* escolhe seu alvo e tem como propósito nas suas ações causar dano ou prejudicar alguém que, na maioria das vezes, é percebido como frágil ou diferente.

A motivação está por trás do caráter intencional das ações de *bullying*, os autores se sentem poderosos e tornam-se populares na escola. Ele pode se sentir satisfeito com a realização das ações ao alvo, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela crueldade vivida pelo alvo.

Quando falamos em *cyberbullying*, temos ainda o anonimato como principal motivação e dessa forma, as práticas atravessam os muros da escola.

Todos os autores analisados neste trabalho são unânimes quanto à questão da repetição, em outras palavras, é consenso que, para se caracterizar qualquer agressão como *bullying*, é preciso que seja uma ação repetitiva e intencional, não um ato (in)consequente de uma ação isolada. Além disso, é importante ressaltar que não é apenas o caráter repetitivo que caracteriza o *bullying*, mas também, o possível sofrimento e trauma que ele pode causar.

O autor da tese 3 nos traz que a discussão e a necessidade de problematização acerca da complexidade da palavra *bullying* e sua aparente banalização desmistificam equívocos que auxiliam no reconhecimento dos casos, pois é muito comum que o *bullying* seja visto como brincadeira. Quando os alunos discutem sobre essa temática, conhecem assim, a intensidade de suas consequências, aproximam-se e se apropriam do significado em si do *bullying*. Relacionando o fenômeno com o cotidiano e suas próprias práticas, é mais fácil para os alunos identificarem e enfrentarem os casos de *bullying* escolar, pois eles podem apropriar-se, inclusive, da erradicação do fenômeno.

A autora da tese 1 nos propõe uma reflexão quanto à interpretação do sentido da repetição. Ele nos diz que, se considerarmos o fator repetitivo, como um dos componentes essenciais para a definição do fenômeno *bullying*, corremos o risco de desconsiderar outras agressões que também poderiam ser caracterizadas como tal. Além disso, podemos contribuir para a manutenção da cultura de avaliar o *bullying* como uma agressão menos grave, natural, já que poderia acontecer de modo esporádico, "apenas" uma ou duas vezes.

Na concepção da autora da Tese 1, Também precisamos olhar sob o ponto de vista de quem sofre as agressões, pois, mesmo que tenha sido apenas uma, e que o autor da mesma justifique que foi sem intenção de ferir, se a agressão sofrida realmente causou um dano psicológico ou físico, que faz o alvo reviver a agressão em seus pensamentos toda vez que vê seu agressor ou que se sente temeroso na expectativa da possibilidade de um novo ataque (mesmo que ele não ocorra), essa agressão pode sim ser caracterizada como *bullying*. Nesse caso, a extensão do dano retira essa agressão do rol da banalidade.

6.4. Violência sem motivação / velada

O *bullying* é tido como uma violência que envolve jovens na escola, com intencionalidade, ações repetidas e sem motivação aparente, ou seja, sem razão que justifique tal ato.

Segundo a autora da dissertação 1, a denominação *bullying* também é definida pelas manifestações e classificações dos atos em: *bullying* ou agressões diretas, *bullying* ou agressões indiretas e *bullying* ou agressões verbais. Sendo agressões diretas: atos de violência física (chutes, socos, tapas); agressões indiretas: ameaças,

exclusão; agressões verbais: xingamentos, apelidos hostis e “brincadeiras indesejadas”.

O autor da dissertação 2 nos traz que a intencionalidade é uma característica forte dessa violência, salienta a importância de se conhecer mais profundamente o caráter do praticante de *bullying*, já que este pode estar apenas reproduzindo algo que vivencia.

Na dissertação 3, a autora nos mostra que o *bullying* já faz parte há bastante tempo dos espaços de convivência social, inclusive da escola. É certo que temos a escola como um primeiro espaço de relações sociais que frequentamos externos ao convívio familiar.

No trabalho de campo realizado na dissertação 4, a autora constatou alguns dados interessantes: as práticas violentas são reconhecidas pelos alunos, mas algumas ações, apesar de serem reconhecidas como práticas violentas, já estão naturalizadas, como atos relacionados à violência psicológica. Esses são um pouco mais difíceis de descobrir do que a agressão física, por exemplo.

A autora da dissertação 5 nos traz que há uma forma de violência velada no fenômeno, fruto das diferentes formas de discriminações e manifestações preconceituosas. Guareschi e Silva *apud* Dissertação 5, p.33, 2014 afirmam que:

São as relações discriminatórias as principais desencadeadoras do *bullying*, configurando-se comportamentos que ocorrem mediante a intolerância a diferença, devido aos padrões estabelecidos como normais. Estes muitas vezes, encontram-se fixos e restritos a crenças estereotipadas e quando se vem discutindo uma educação que se pauta em um patamar de inclusão educacional, em que as diferenças individuais devem ser respeitadas em um espaço composto pelas diversidades, pode-se perceber a prática de violência velada como uma afronta essa visão de educação.

O autor da dissertação 6 aborda um tipo específico de violência, a homofobia e o fenômeno do *bullying*. A homossexualidade pode aparecer como característica de um grupo de risco do fenômeno, como um alvo entre os mais comuns. Segundo o autor, as representações sociais e os valores de si, de cada indivíduo criam padrões, efetivação de estereótipos e preconceito com o que é diferente. Para ele, possivelmente, há uma relação entre a identidade moral (compreendida como conjunto de representações de si) e as ações de *bullying* no contexto escolar.

A autora da dissertação 7 entende o *bullying* como um fenômeno construído historicamente e que deve ser interpretado como violência que se manifesta dentro

da escola e se apresenta de diversas maneiras, assim como se manifesta nas demais esferas sociais e que reúne um conjunto de sentidos e significados na sociedade.

A autora da tese 1 evidencia em seu trabalho que o fenômeno do *bullying* é um problema moral, visto que valores morais, como respeito e justiça, estão ausentes em tais ações, sendo necessário, então, pensar nas causas, considerando a imagem que os sujeitos têm de si e em como os sujeitos autorregulam seu comportamento considerando as normas morais internas.

Para o autor da tese 2, o *bullying* é, muitas vezes, uma forma de violência que força, ou seja, que coage, que obriga o alvo a realizar algo que não quer, tirando a liberdade de escolha do outro quanto às suas próprias ações. Exerce, portanto, um poder sobre a liberdade do outro.

A violência nas suas mais variadas representações simboliza um grave problema de saúde pública no cenário mundial, visto que implica sobre a subjetividade dos sujeitos, a juventude é um dos grupos mais atingidos por essa violência conforme nos mostram os dados epidemiológicos de homicídios no Brasil e sua elevação nas últimas duas décadas (Waiselfisz, 2004).

A subjetividade é produção social, ou seja, uma consequência do modelo de sociedade ao qual estamos inseridos. Para Guattari (1986), o capitalismo é um sistema gerador de desigualdades por si só, e interfere nas relações sociais que estão permeadas dentro de uma lógica desigual de competição que enfrentamos no nosso cotidiano.

Nessa mesma linha de pensamento, o autor da tese 3 defende que é possível entender que a violência manifestada em um ambiente confere uma partícula sobre todo o território existencial que compõe a subjetividade ou seja, como um reflexo do que já é vivenciado no dia a dia do sujeito, que poderá ser ou não internalizada pelos indivíduos, no caso dos alvos, um bom suporte familiar pode auxiliar na passagem por situações violentas. Entretanto, se essa violência for internalizada, as ações entram na lógica da violência, e quem sofre, alterna o papel e passa a ser autor e de autor, na vida adulta, reproduzidor da violência em demais espaços sociais.

Neste sentido, também seguindo essa linha de raciocínio, o autor da tese 4 diz que o *bullying* deve ser analisado em termos de níveis de agressividade, começando assim pela agressão verbal, depois pela agressão física e, por fim, pela humilhação. Podendo assim, tais atos chegarem à tortura.

O autor da tese 5 estabelece uma relação entre violência e cultura, indicando que a violência pode ter uma relação cultural. Cultura é o apanhado complexo que reúne o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano na vida em sociedade. E, se levarmos em consideração que vivenciamos uma cultura dominante de intolerância, é necessária uma problematização maior dessa negação da diversidade cultural. É necessária a busca por práticas que promovam multi e interculturalidade, uma vez que a violência é resultante de uma racionalidade que possui graves limitações ao lidar com as diferenças.

A autora da tese 6 corrobora essa abordagem, apoiando-se em Fante (2001), afirmando que as práticas de *bullying* começam pela não aceitação da diferença, o que envolve religião, raça/etnia, estrutura física, peso, cor dos cabelos, deficiências em geral, ou outros aspectos particulares

7. CONSEQUÊNCIAS DAS PRÁTICAS DE *BULLYING*

Recentemente tivemos noticiados nos jornais, telejornais e internet, duas tragédias associadas ao *bullying* que causaram comoção nacional e internacional. Uma delas ficou conhecida como a chacina da escola de Realengo, ocorrida no dia 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira. Um ex-aluno, Wellington Menezes de Oliveira, já com 23 anos, entrou na escola com a desculpa de que iria proferir uma palestra e disparou contra os alunos em sala de aula. Matou 12 crianças com idades entre 13 e 16 anos e deixou mais de 13 feridos. Após o ataque, Wellington cometeu suicídio.

No ano de 2017, por uma grande ironia do destino, justamente no dia 20 de outubro, Dia Mundial de Combate ao *Bullying*, um adolescente de 14 anos, filho de um major da Polícia Militar efetuou vários disparos com uma arma de fogo e matou duas crianças, uma de 12 e outra de 13 anos numa escola de Goiânia. Colegas do adolescente afirmaram que ele sofria *bullying*, por não usar desodorante e que tinha apenas um amigo na escola.

De fato, ninguém pode afirmar que esses dois atos de violência sejam reações à práticas de *bullying* sofridas por seus protagonistas. Do mesmo modo, ninguém pode afirmar que não sejam. Entretanto, talvez possamos todos tentar aprender sobre como a escola precisa estar atenta às relações *entre pares* que se estabelecem em seu interior.

Dessa forma, sendo a escola, como já mencionamos passagem obrigatória para todos, os casos de *bullying* associados as suas diversas expressões podem causar inúmeros danos tanto na vida de quem sofre como na vida de quem presencia ou comete esse tipo de violência, como, por exemplo: a falta de interesse pela escola, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento escolar, evasão, depressão, baixa autoestima e, em casos mais graves, o homicídio e/ou o suicídio.

Os traumas vividos no espaço escolar podem prolongar-se por toda a vida adulta de um indivíduo, influenciando suas ações e comprometendo seu convívio social, entre outras consequências.

Segundo a autora da dissertação 1, os danos de natureza física e psicológica podem variar desde transtornos psicológicos e sociais a comportamentos de risco, como o consumo de álcool e outras drogas, portar armas, envolver-se em brigas, o que pode gerar conflitos, comprometer o aprendizado, a autoestima e as relações

interpessoais. Ideia compartilhada pelo autor da tese 3. Complementando esse pensamento, a autora da dissertação 3 relata que as ações violentas do fenômeno trazem consequências imediatas e a longo prazo a todos os envolvidos, pois despertam no alvo um sentimento de impotência e inferioridade que pode levar a danos psicológicos mais graves.

À família caberia dar apoio aos alvos de *bullying* e suporte para superação dos traumas vivenciados. Adultos inseguros, complexados, infelizes, ansiosos e apáticos, descrentes em si, e nos outros podem provocar sentimentos de vingança e a prática de atos de violência extrema como os homicídios e suicídios relatados acima nas duas escolas. Mas nem sempre as famílias sabem lidar com o assunto em casa.

O autor da tese 4 cita também os elementos psicológicos como consequências traumáticas do *bullying* e associa a possíveis ocorrências psicossomáticas como cefaleia, cansaço crônico, náuseas, tensão e outros. Diz ainda que essa forma de violência pode desencadear transtorno de pânico que se caracteriza, por sua vez, como medo intenso e infundado, fobia social e escolar, transtorno de ansiedade generalizada, anorexia, bulimia, depressão, transtorno obsessivo compulsivo e transtorno pós traumático.

Cita Calhau (2011) para mencionar o fato do estresse ser o responsável por cerca de 80% das doenças da atualidade pelo enfraquecimento do sistema imunológico e sintomas psicossomáticos diversos, principalmente próximo ao horário da criança ir para a escola.

Na dissertação 6, além das consequências já citadas acima, o autor destaca o sofrimento da vítima, a naturalização da discriminação, uma vez que essa pesquisa centra-se nas questões de gênero e homofobia, um fenômeno social no qual existem relações de hierarquia entre as sexualidades, supondo um padrão e seus desviantes.

A autora da tese 1 endossa que as consequências relacionadas ao *bullying* abarcam todas as pessoas envolvidas nessas situações, embora o alvo seja o mais prejudicado pelas ações, como nos casos que terminam em suicídio, uma das principais causas de morte entre jovens. Podemos destacar a falta de sensibilidade moral que envolve autores e expectadores.

A naturalização do fenômeno faz diminuir o sentimento de indignação entre os que o observam, já que esses poderiam e deveriam intervir, no mínimo, pedindo ajuda. Os expectadores podem, segundo o autor, desenvolver sentimentos de ansiedade e de culpa por não conseguir ou não saber como agir em situações injustas.

Com relação à família, é observado o sentimento de impotência frente às situações de *bullying*, indignação, sentimento de incapacidade diante dessas ocorrências. Na maioria das vezes, por não poderem contar com o apoio da escola, começam a encorajar os filhos a “responderem” às agressões com outras agressões, numa tentativa desesperada de cessar o sofrimento do seu filho.

O autor da tese 2 também referencia as consequências do âmbito psicológico e demais problemas relacionados à autoestima, evasão escolar e relacionamentos sociais. Segundo ele, estudantes buscam manter a autoestima em relação aos demais, especialmente com colegas que lhes parecem, por alguma razão, mais significativos. Neste trabalho, também é citada a indiferença dos expectadores como algo que afeta o sucesso de toda a comunidade educativa, já que isso não inibe os agressores e os que têm conhecimento não se importam, naturalizando assim o fenômeno.

Para o autor da dissertação 2, as vítimas não encontram razão para o que lhes acontece e não conseguem reagir às provocações. Após admitir que o *bullying* em nada se parece com uma brincadeira e nem desafetos oriundos de relações interpessoais conflitivas, retrata em seu trabalho que algumas ações perpassam o limite da maldade como situações de abuso sexual com tacos de basebol a vítimas com deficiência, decapitação de vítima afrodescendente, oferta de presentes indesejáveis como biscoito de cachorro a um colega pouco popular (que, por isso, vira alvo de chacota) entre outras coisas. Na maioria dos casos, quem sofre essas agressões não busca ajuda por considerar-se culpado. As demais crianças que presenciam, permanecem passivas por medo de serem os próximos ou podem, no futuro, tornarem-se agressores em potencial.

Uma ação de conscientização com os expectadores de *bullying* torna-se uma necessidade à medida que, mesmo que não diretamente, são eles atores cruciais para a existência do fenômeno. São eles que presenciam os atos de violência e não interferem para que ela cesse, seja por medo de se tornarem os próximos alvos, seja por não quererem se envolver, seja rindo e, assim, reforçando a ação dos alvos. Se esses atores forem envolvidos nas ações de denúncia, isso poderia inibir as ações dos autores de *bullying*.

Sobre os expectadores, o autora da dissertação 4, traz uma questão pertinente sobre a participação daqueles que observam as agressões sem se manifestar, a consequência desse comportamento é o aumento das manifestações violentas, já que

os agressores não são punidos. Estima-se que a indiferença perante as ações é por medo, ou pela recusa de perceber a realidade (aquilo que é ou não *bullying* de fato). Segundo a autora, os expectadores de *bullying* podem influenciar diretamente na ocorrência do fenômeno seja intervindo e ajudando os alvos ou os autores de *bullying*. Nesse trabalho aparecem algumas consequências como rejeição social e perturbação psicológica, depressão, ideias de suicídio para os alvos, para os agressores a delinquência social e para as testemunhas a deformação moral. Os padrões agressivos apresentados pelos autores na escola tendem a se repetir nos demais espaços de socialização do sujeito na vida adulta, como a faculdade por exemplo.

A autora da tese 6 traz aspectos sobre a percepção dos docentes frente ao fenômeno, segundo a sua perspectiva, os autores e os expectadores de *bullying* não conseguem enxergar a gravidade da humilhação sofrida por aqueles que são atingidos. Nesse contexto, os expectadores não possuem noção de respeito à diversidade como fundamental e muito menos pensam nas consequências de seus atos, por acreditarem ser uma ação passageira.

Em sua pesquisa, foram usadas como instrumento de coleta de dados, entrevistas com os estudantes para conhecer o que eles pensavam e sabiam sobre o fenômeno, suas causas e consequências. Para a surpresa da pesquisadora, os estudantes falaram com propriedade sobre o fenômeno e associaram inclusive o *bullying* a uma forma de violência covarde.

A autora da dissertação 7 procura aprofundar o estudo acerca do fenômeno e aborda alguns fatos históricos como cruciais para a existência da violência nas escolas, como a existência do capitalismo (onde aumentam as formas de opressão), a coexistência da violência simbólica e uma ideologia de igualdade, liberdade e fraternidade inexistentes. Para a autora, a cultura da violência tem como consequência sua sustentação pela coerção e pela cumplicidade ativa ou passiva de muitos. A consequência maior da naturalização da violência é a impotência da comunidade escolar em vislumbrar um horizonte para contorná-la nesse mesmo meio de socialização.

A autora da dissertação 5 trabalha questões relevantes relacionadas à inclusão escolar e ao fenômeno de *bullying*, configurando-o como uma das consequências do preconceito construído frente a um espaço social onde há valorização demasiada dos padrões de beleza, de intelectualidade, em que se preza o consumo. Por isso, as

peças que fogem ao padrão imposto estão sujeitas a julgamentos preconceituosos e estigmatizantes a ponto de sofrerem sucessivas agressões dentro e fora da escola.

Ainda segundo a autora, é preciso mergulhar mais precisamente naquilo que é subjetivo, pois o fenômeno do *bullying* é uma consequência de uma série de ações e questões que precisam ser mais bem abordadas e discutidas no espaço escolar. A autora faz também uma análise de como a cultura influencia o comportamento humano de uma forma geral de modo a moldar a identidade cultural do sujeito. Exemplifica que a humilhação domesticadora se caracteriza em um curto espaço de tempo e admite assim a reciprocidade entre os agentes da tríade do *bullying* e se encontra dentro dos limites de tolerância dos sujeitos. O autor admite que, assim, os envolvidos nos casos de *bullying* podem assumir outros papéis, que reforça as formas mais cruéis de humilhação.

Como exemplo, há as piadas racistas que promovem danos permanentes às identidades pessoais e coletivas dos sujeitos, negando o direito de ser e, como consequência, geram rejeição de si mesmos, o que exige, por sua vez, processos de adaptação em relação à própria cultura etnocêntrica. Nesse sentido, entende-se que as “brincadeiras” inspiram-se nos aspectos culturais que desafiam uma educação multicultural.

A educação multicultural, é parte necessária para a constituição da cidadania crítica, ela é base para o reconhecimento das diversas identidades culturais que formam a nossa sociedade, o desenvolvimento dessa cultura, possibilita uma sociedade democrática, crítica e participativa. (Candau 1997)

7.1. Fatores de risco, tipos e caracterização dos envolvidos no fenômeno bullying: o que as publicações analisadas têm a nos dizer?

Os fatores de risco nos permitem perceber e identificar quais tipos de crianças têm uma tendência maior a relações conflituosas. O conhecimento de tais fatores é importante, pois auxilia na prevenção e nos casos emergentes uma ação mais direta. Lopez (2011) levanta quatro grandes grupos de fatores de risco importantes

encontrados em seus estudos, são eles: fatores sociodemográficos, pessoais, familiares e escolares.

Os fatores sociodemográficos estão ligados ao gênero (em geral, as pesquisas indicam que mais meninos são praticantes de *bullying*), etnia, e desigualdades econômicas e sociais.

Os fatores pessoais estão relacionados a tudo que acontece na vida do indivíduo que pode interferir na escola, os quais podemos destacar: a aparência (representação social), comportamento diferente, maior envolvimento com experiências humilhantes, problemas com a percepção da identidade social, baixa autoestima, autoestima elevada, stress psicológico, depressão, baixo nível de empatia, entre outros.

Entre os fatores familiares aparecem a ausência paterna ou materna, vivência em ambiente violento, falta de uma supervisão por parte dos responsáveis, pais punitivos, ásperos, autoritários e famílias violentas.

Os fatores escolares estão relacionados a uma maior/menor popularidade, ao isolamento social ou rejeição pelos pares, falta de suporte por parte dos professores, fatores econômicos, e ser aluno repetente (Lopez 2011).

O estudo de diferentes grupos de risco de *bullying* nos permite traçar diferentes perfis de alunos alvos, praticantes e até mesmo de testemunhas. É possível entender quais atitudes podem fortalecer o *bullying*, inclusive a falta de ações de contenção.

Apresentar o fenômeno do *bullying* como um fenômeno novo pode se tratar de um erro, é fundamental entender o percurso da violência no desenho das práticas de violência na escola.

O *bullying* não pode ser confundido com uma brincadeira sem importância, pois pode significar uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. Sua ocorrência causa sofrimento sendo possível inclusive destacá-lo como um possível fator de risco para a violência institucional e social (Lisboa, 2005).

Além disso, pode representar um fator de risco a falta de diálogo entre professores e alunos. Olweus (1993) considera, por exemplo, que tanto os alunos alvos, quanto os autores da violência, embora se sintam satisfeitos com a opressão do agredido e não deixem de praticá-la vendo o sofrimento do outro, não têm consciência da gravidade do problema que é o fenômeno.

Muito se discute sobre quais ações podem servir para influenciar no aumento dos casos de *bullying* na escola. Na dissertação 1, a autora afirma em seu trabalho que o estímulo à competitividade e ao individualismo em decorrência da obtenção de resultados nos exames vestibulares; desrespeito e desvalorização do ser humano; educação familiar permissiva e ausência de limites podem ser fatores de risco para os casos de violência, citando Fante e Pedra, em seu trabalho:

A deficiência ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, orientados para a convivência pacífica, solidariedade, cooperação, tolerância e respeito às diferenças, que despertam sentimentos de empatia, afetividade e compaixão. (dissertação 1; p. 97)

A questão da vulnerabilidade social aparece nas pesquisas (especificamente nas dissertações 2 e 3), como um fator determinante gerador de violência. Isso explica o porquê dos índices elevados de violências em famílias vulneráveis e, conseqüentemente, em escolas inseridas nos espaços sociais vulneráveis. Kaloustian e Ferrari (1994).

Precisamos entender que a violência dentro das escolas, no entanto, não é gerada exclusivamente por fatores externos, é comum termos casos perturbadores de *bullying* em escolas bem localizadas, onde o poder aquisitivo dos alunos que as frequentam é mais alto.

Neto (2005) afirma que o *bullying* pode ser decorrente de fatores econômicos, (Castro, 2015) sociais e culturais, bem como do caráter de quem o pratica e das relações interpessoais da família, escola e comunidade. Dessa forma, é entendido como um fenômeno complexo e de difícil compreensão quando se trata de seu surgimento.

Del Barrio, Martín, Almeida e Barrios (2003) retomam Bartlett (1932) para dizer que este autor já salientava, desde a perspectiva da psicologia social, que muitos comportamentos que seriam aparentemente individuais, mas que ocorrem dentro de um grupo, necessitam uma análise que vá além de fatores individuais ou fatores externos ao grupo. (Em tese 1; p.52)

Dessa forma, compreender o cenário em que os casos acontecem, bem como as relações sociais e multiculturais são de extrema importância. Na tese 2, a autora, citando Bonetti (2011), esclarece-nos que é no tratamento dado à cultura de mundo e à cultura escolar nas instituições educativas de forma diferenciada que se pode encontrar as razões de algumas dificuldades que a escola enfrenta na sua relação com o mundo social. Para o autor, a maior delas é a dificuldade que a escola enfrenta

no sentido de bem gerenciar os conflitos sociais que chegam à escola advinda do meio social, como é o caso das crises familiares.

Nesse trabalho, o autor traz uma reflexão crítica a respeito da instituição escolar e suas características gerais, mencionando as medidas disciplinares e a forma como os docentes lidam com determinados valores e se relacionam com seus alunos, pois já sabemos que o docente tem um papel muito importante, tornando o ambiente mais ou menos favorável de acordo com a suas atitudes. Na tese 5, a reflexão do autor se volta para a ausência de uma educação multicultural, o que podemos dizer que incide diretamente na instituição escolar e formação docente, no que, segundo o autor: “nos impulsiona para a importância do caráter pró-ativo da educação na desconstrução do bullying na escola e na sociedade.” (tese 5; p.165)

7.2. O perfil dos atores/personagens

Quando falamos no fenômeno do *bullying* e na sua desconstrução, seja qual for a prática, alguns atores são essenciais para a sua existência. São eles: 1) alvos ou vítimas, 2) autores ou agressores, 3) testemunhas ou expectadores. Sem essa tríade, não há *bullying*.

Das treze publicações analisadas, dez usam os descritores vítima/agressor /testemunha, enquanto apenas três utilizam, alvo/autor/expectadores. A tabela abaixo, relaciona a escolha de cada autor:

Tabela 2 – Autores divididos quanto a escolha dos descritores

Vítima / agressor / testemunha	Alvo /autor / expectadores
Dissertações 1, 2 , 4 , 5, 6 e 7; Teses 2, 3, 4 e 5	Dissertação 3, Teses 1 e 6

O fenômeno do *bullying* não é um fenômeno estático, apresenta comportamentos e ações entre sujeitos que podem trocar de papéis dentro desse contexto, eu mesma sou um exemplo disso.

Lopes Neto e Cols. (2008) preferem o termo alvo à vítima e praticantes à agressores justamente por se tratar de um fenômeno dinâmico, evitando assim a colocação de rótulos sobre seus agentes ou o incentivo a ações discriminatórias. Na tese 2, o autor, cita Gisi (2011) que esclarece justamente esse ponto, colocando que o aluno pode assumir em determinados momentos o papel de vítima e, em outros, de agressor e, ainda em outros, o de testemunha.

A escola, no nosso entender, deve ser o espaço da aposta, da positividade, da superação, portanto, comportamentos rotulantes, que levam à estagnação não nos interessam. Portanto, não há “alunos-agressores” ou “alunos-vítimas”, pois esses são comportamentos que podem ocorrer em determinadas situações provocadas por diferentes situações e motivos. A autora da tese 6 concorda com esta afirmação e, em seu trabalho, destaca que o uso dessas categorias de maneira rígida, dificulta que outras interpretações sejam realizadas. Nesse sentido, podemos caracterizar os estudantes nas seguintes categorias:

- Alvos – os que sofrem *bullying*
- Alvos/autores – os que ora sofrem, ora praticam *bullying*
- Autores – os praticantes de *bullying*
- Testemunhas/expectadores – não sofrem e nem praticam, mas convivem no ambiente onde ocorre o *bullying*

Algumas publicações falam sobre o papel importante que a testemunha desempenha. São elas as dissertações 2,3, 4 e 5 e todas as teses analisadas nesse trabalho.

Na tese 2, o autor define a testemunha apenas como o personagem que não sofre, nem pratica o *bullying*. Na dissertação 2, a autora destaca que testemunhas/expectadores, ao assistem as situações de violência e nada fazerem, acabam por estimular as situações de violência. Na dissertação 3 e nas teses 1 e 4, os autores justificam a ausência de ação com o possível medo de retaliação por parte dos agressores/praticantes. A autora ainda destaca que é uma falha das pesquisas não tratar da testemunha como peça fundamental do processo do *bullying*.

Na dissertação 4, o autor levanta a hipótese de que a testemunha de *bullying* pode sentir prazer com o sofrimento do alvo/vítima, daí que muitas vezes seu comportamento com risadas e palavras de incentivo ao praticante é justificável. Na dissertação 5 e na tese 3, os autores destacam como sendo necessária uma ação de prevenção ao *bullying* focando nas testemunhas/expectadores, pois, sem o apoio deles, os agressores/autores não terão platéia e não poderão esconder suas atitudes ofensivas.

O autor da dissertação 5 destaca a importância da escola desenvolver um olhar atento para esse grupo. As testemunhas/expectadores precisam ser encorajadas a denunciar os atos de abuso e violência escolar, entretanto, a escola precisa assumir

seu papel criando medidas, regras de convivência e soluções permanentes. Sem isso, quem observa os atos de violência pode não se manifestar por insegurança.

A questão que levantamos nessa sessão é como fazer com que esse ator (expectador) se torne uma peça importante na resolução dos conflitos relacionados ao *bullying* na escola. Em geral as ações permeiam-se sob os autores de *bullying* ou ao acolhimento aos alvos e não são suficientes para a erradicação dos casos.

8. UMA ANÁLISE DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS MAIS UTILIZADOS

Alguns autores foram mais recorrentes que outros na conceituação do fenômeno do *bullying*, dentre os mais citados temos na ordem: Tognetta, Fante, Olweus, Silva, Neto, Avilés, Calhau, Candau (detalhamento no quadro do anexo 1⁵)

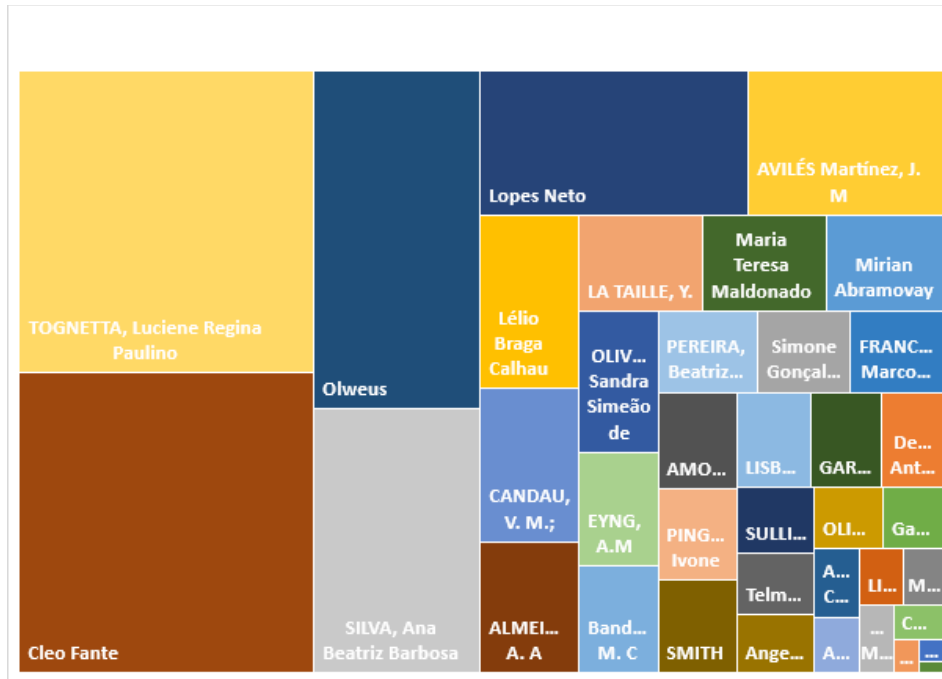


Figura 1 – Ilustração quanto a recorrência de citações dos autores utilizados nos trabalhos analisados.

A autora mais citada Tognetta tem uma trajetória recente como pesquisadora do tema *bullying*, e é formada em pedagogia. Ela se inspira em autores clássicos como Wallon, Olweus e Fante para construir o seu conceito de *bullying* e recorre à tradução da palavra “conflito” em chinês para explicar a dualidade que o tema pode ter, como *perigo* e *oportunidade*, a autora privilegia em seus trabalhos como a *oportunidade* de tomada de consciência.

Outra autora bastante citada é Fante, pesquisadora, consultora educacional, vice-presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação Sobre o *Bullying*. É considerada referência para quem estuda sobre o fenômeno do *bullying*, destaca

⁵Cabe destacar que os demais autores não abordados no capítulo acima, trazem também reflexões importantes sobre a temática do *bullying*.

nos seus estudos mais recentes a necessidade de uma saúde emocional com uma abordagem psicanalítica na prevenção da violência escolar.

Outra autora recorrentemente citada é Silva que traz uma reflexão em seus trabalhos sobre o limite das brincadeiras na escola, chamando a atenção para quando apenas alguns se divertem, enquanto os outros sofrem. A autora é médica, e aborda o fenômeno como consequência de uma saúde mental ruim. Fala em seu trabalho sobre a tragédia de *Columbine*. No livro *Mentes perigosas*, traça uma trajetória sobre o que acontece quando nada é feito em relação ao fenômeno.

Outro autor é Lopes Neto, que foi a minha primeira leitura sobre a temática. Lembro-me que, na época, me chamou atenção o fato dele possuir uma formação em medicina, alertando os profissionais que trabalham nas escolas a respeito da importância da prevenção e de um olhar mais sensível dentro da escola, onde tudo começa. Traz uma abordagem inicial voltada para a saúde mental e bem-estar da criança e do adolescente na escola.

Àviles é um autor que traz uma importante contribuição na delimitação dos perfis dos atores sociais do fenômeno do *bullying* e suas relações emocionais. Àviles tem formação em psicologia e vê o *bullying* como um desafio. Usa autores clássicos para a conceituação do fenômeno como Olweus. Aponta que a diferenciação dos perfis é importante para ações eficazes de como lidar com a intimidação sistêmica para o enfrentamento da violência escolar.

O autor Calhau é graduado em psicologia, mestre em direito do estado e cidadania, pós-graduado em direito penal e direito processual penal, e atualmente exerce o cargo de promotor de justiça do Ministério Público de Minas Gerais. Traz uma abordagem e conceituação em torno da responsabilidade civil e implicações penais da prática do *bullying* na escola. O autor também distingue os atores sociais do fenômeno. Com uma linguagem simples, instrui quanto à nova legislação e correlaciona com feitos práticos e jurídicos, o que amplia a visão do problema.

A autora Candau traz em seus trabalhos questões relativas às diferenças culturais e à multiculturalidade presentes na nossa sociedade de uma maneira geral. Na escola, esses trabalhos trazem uma abordagem a respeito das consequências do ser diferente, do viver uma identidade cultural divergente daquela que é predominante. O que implica em ações voltadas para a valorização das diferentes culturas e seu reconhecimento na formação social do sujeito. Candau é uma pesquisadora muito admirada e estudada no universo da educação, é formada em pedagogia, com

mestrado e doutorado na área da educação escolar. Seus temas mais fortes de investigação são a didática e a educação em direitos humanos.

Esse estudo sobre a literatura do *bullying* apontou que o primeiro aspecto relacionado ao tema foi identificado na área médica com Lopes Neto, quando esse autor entende que o centro do problema se dá na escola. E esta anseia por uma nova etapa relacionada à educação e a preocupação que vai muito além da didática de professores. O autor traz, em um dos seus artigos, que a violência é um problema de saúde pública e, em contrapartida, diz que seus impactos podem ser minimizados quando passamos a não naturalizar as ações violentas ocorridas no interior dos muros da escola (Neto, 2005).

Ainda em seu trabalho, o autor destaca alguns fatores de risco como as diferenças na situação econômica, sociais, culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares e de amigos (Neto, 2005).

Desenvolveu um consistente trabalho na Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), onde realizava pesquisas sobre a ocorrência do *bullying* no Brasil. No artigo *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*, o autor usa os termos, vítima, agressores e testemunhas para identificar os atores sociais do fenômeno.

Fante, em parceria com Neto e Saavedra, revelaram que o *bullying* está presente em todas as escolas do Brasil, independente da sua localização, tamanho, tipo (pública/privada) (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Fante, 2005).

Se Neto e Fante foram os pioneiros na pesquisa de *bullying* no Brasil, Olweus foi considerado o precursor do estudo sistêmico de prevenção do *bullying* na Noruega, psicólogo que traçou em seu livro, "*Bullying na escola*", um caminho para a prevenção com intervenções pela comunidade escolar, trazendo a responsabilidade também para a escola.

Avilés traz uma definição interessante para o fenômeno do *bullying*:

Chamamos *bullying* a intimidação e o maltrato entre escolares de forma repetida e mantida no tempo, sempre longe dos olhares dos adultos/as, com a intenção de humilhar e submeter abusivamente uma vítima indefesa por parte de um abusador ou grupo de valentões através de agressões físicas, verbais e/ou sociais com resultados de vitimização psicológica e rejeição grupal (Avilés, 2006, p. 82).

Entretanto, hoje temos observado o fenômeno como algo não estático, ou seja, percebemos que os papéis podem alternar-se de acordo com a participação importante das testemunhas (expectadores) nos atos de violência.

Autores como Tognetta (2010) trazem a reflexão do papel da testemunha na continuidade dos atos violentos. Defende que quando as testemunhas passam a indignar-se com situações intimidadoras, e pedem para que os autores (agressores) parem como o comportamento agressivo, ou seja, defendem o alvo (vítima) ou solicitam a ajuda de um adulto, essa atitude pode parar o comportamento do autor, pois ele passa a não ter mais aceitação ou motivação para continuar, uma vez que perde a plateia que ri das pseudo-brincadeiras.

Candau (2008), em algumas de suas publicações aborda a temática do *bullying* com um olhar ainda mais profundo, trazendo uma importante reflexão no que diz respeito à identidade cultural, de aceitação das diferenças num contexto macro. Segundo a autora, a afirmação das diferenças (étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, etc.), manifesta-se de maneira plural, podendo assumir diferentes expressões e linguagens. Candau (2008), nesse sentido, aborda que:

As diferenças culturais – étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças e outros modos de expressão. As questões colocadas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural. (Candau, 2008, p.241).

Defende que, diante de tantas mudanças, a escola também precisa reinventar-se, desarticulando a cultura dominante, o uniforme ou o homogêneo, pois as diferenças não podem ser vistas como problema, ou como razão para um preconceito velado. Trabalhar as diferenças se faz necessário para que manifestações de preconceito não se reproduzam na escola. Segundo Candau:

Trabalhar as diferenças culturais constitui o foco central do multiculturalismo. Situo a perspectiva intercultural no âmbito das posições multiculturais que classifico em três grandes abordagens: o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo, também denominado interculturalidade. (Candau, 2009; p.7)

Fica evidente o importante papel da escola para o desenvolvimento humano, fica mais evidente ainda que a passagem pelo universo escolar envolve muito mais do que a escolarização, ou modelo formal de aprendizado de disciplinas do currículo. A escola é cenário e maquinário de transformação e formação do indivíduo, por isso é imprescindível que seja estimuladora das habilidades intelectuais, sociais e criticidade daquilo que é ofertado.

Para que a escola seja um lugar confortável, espaço prazeroso que permita a compreensão da sociedade da qual se faz parte, hoje, necessitamos pensar constantemente estratégias que privilegiem o diálogo e a construção daquilo que buscamos para ela.

Por isso, se faz tão necessário estudar sobre violência escolar e realmente delimitar o que de fato seria *bullying*, quais ações se enquadram dentro de suas características. E numa perspectiva cíclica de esgotamento dos problemas, pensar em estratégias, soluções para os episódios possíveis e prevenção para erradicação da violência.

Nesse sentido, os autores abordados nesse capítulo, que foram utilizados nos trabalhos analisados nesta dissertação, trazem contribuições importantes que influenciam novos trabalhos. Vamos a algumas dessas:

Tognetta (2005), afirma que, diante de uma situação de *bullying*, tanto o agressor como a vítima precisam de ajuda:

[...] por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que têm de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral (2005; p.3ln).

Tognetta (2011) e Fante (2005) afirmam ainda que a prevenção do *bullying* escolar deve começar pelo docente, para que assim eles saibam identificar, distinguir e elaborar um plano de ação.

O professor da educação infantil e do ensino fundamental I é aquele que passa mais tempo com o aluno durante sua permanência na escola, Se ele souber identificar os casos de *bullying*, pode agir já no início tornando o assunto parte de suas aulas. O trabalho de conscientização do *bullying* poderá vir atrelado a projetos relacionados às relações sociais e à discussão das problemáticas relacionadas ao preconceito racial, regional, padrões culturais, diferenças socioeconômicas, intolerância religiosa entre outros.

As universidades precisariam incluir na grade de formação desses docentes o fenômeno do bullying, já que essa é uma problemática que acompanha a trajetória tanto do aluno como do professor.

Olweus (1993) trouxe, como plano de ação, a identificação dos casos de violência escolar, através de questionários, dos quais era possível identificar os tipos de violência, a frequência, os locais de maior incidência, os tipos de agressores e percepções individuais quanto ao numero de agressores. Esse instrumento apurava

as situações de violência, sob o próprio olhar da criança e do adolescente, possibilitando, então, a apuração de dados importantes a respeito do fenômeno do *bullying* e sua frequência na escola.

Silva é autora do livro “*Bullying - Mentos Perigosas nas escolas*” e de uma cartilha que reúne algumas estratégias para a identificação, prevenção e erradicação do *bullying* escolar. Cabe ressaltar aqui que, para essa autora, o *bullying* é um tipo específico de violência, sendo assim:

Neste sentido, a escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços (SILVA, 2010, p.161).

A autora resalta que o docente não pode se eximir de sua responsabilidade. A observação sensível de alguns comportamentos por parte do professor e demais funcionários da escola pode ajudar no processo de identificação dos casos de *bullying*, conforme destacados abaixo (Quadro 2).

Quadro 1- Critérios para observação do *bullying* na escola

Critérios para observação	
Características das crianças ou adolescentes	Ficam isoladas do grupo e preferem ficar perto de um adulto que possa defendê-la;
	Em sala, ficam retraídas;
	Faltam muito às aulas; (evasão escolar)
	Estão sempre tristes e aflitas;
	Nos jogos, são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas;
	Perdem o interesse pelas atividades e tarefas escolares;
	Nos casos mais graves, apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas rasgadas ou danificadas

Adaptado de (SILVA, 2010, p. 48).

A autora traz ainda nos seus trabalhos a importância da observação por parte dos responsáveis dessas crianças, que também devem estar atentos a pequenos gestos ou ações.

Quadro 2 - Critérios para observação por parte dos responsáveis

Critérios para observação dos responsáveis	
Características das crianças ou adolescentes	Apresentam diversas desculpas, até mesmo doenças físicas para faltar às aulas;
	Reclamam de dores de cabeça, dor no estômago, enjoo, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Esta situação se agrava no momento de ir para a escola;
	Oscilações no humor com explosões de raiva;
	Possuem poucos ou nenhum amigo
	Praticamente não recebem convites, e-mails, telefonemas, etc
	Gasta mais dinheiro que o habitual na cantina ou na compra de objetos para presentear alguém

Adaptado de (SILVA, 2010, p. 48).

Neto (2005) aponta que estudos realizados nas últimas décadas demonstraram que a prática do *bullying* pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes direta ou indiretamente envolvidos:

Compreende todas as atividades agressivas intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES NETO, 2005 p.165).

O autor destaca em seu trabalho, assim como Fante (2005), o caráter repetitivo do *bullying*, em que a vítima já espera a agressão antes mesmo que ela ocorra, o que causa angústia e demais danos psicológicos justamente pelo caráter repetitivo das formas de violência. O caráter intencional dessa prática se dá a partir do momento em que o comportamento e as ações do agressor são propositais, desejadas e voluntárias, portanto, nesse fenômeno é notória a assimetria desses poderes.

Ficam dois aspectos claros nos trabalhos de Neto (2003), uma forma de prevenção está na abordagem das temáticas das diferenças e relações desiguais na escola, e a outra num olhar atento das testemunhas dos atos violentos. Prevenir está no ato de conscientizar a comunidade escolar, como visto em alguns trabalhos aqui estudados.

Avilés (2006) propõe diferentes classificações dos modelos de intervenção nos atos de violência; são eles: moralista, que implica atuação tendo o agressor como foco, buscando a sua própria reflexão sobre seus atos; modelo legalista ou punitivo que, como o nome sugere, seu alicerce está em sanções e castigos dos envolvidos,

de acordo com o código de cada instituição escolar; e o modelo ecológico ou humanista, que atua com todos os envolvidos nos atos de violência, isto é, toda a comunidade escolar, inclusive pais e responsáveis, para que juntos busquem uma solução e erradicação dos casos de *bullying*, entendendo o fenômeno como dinâmico.

Calhau (2009) nos traz uma visão jurídica da violência, em seus estudos e nos remete a dados importantes do crescimento da violência nos últimos vinte anos, e a falta de saída por ela ser enraizada aos fatores culturais e econômicos vigentes em nossa sociedade sendo ela, produto do sistema capitalista e acréscimo, do também sistema patriarcal que reproduz expressões machistas, preconceituosas em relações desiguais.

Na escola entre os atores de *bullying* é possível perceber essas expressões naturalizadas através dos apelidos, e na própria reprodução daquilo que é vivido no meio social fora da escola. Surge nesse contexto a necessidade de criação das políticas públicas educacionais como importante estratégia de prevenção. Tomando assim, medidas eficazes em relação ao *bullying*, que não deve ser naturalizado sob sua ótica.

Candau (1999) sugere que a violência escolar está associada à deslegitimação da escola, aprendizagem, seu funcionamento e fracasso escolar, se a escola não é legítima, ela não protege e educa seus alunos como deveria, por essa razão a autora sugere uma reinvenção da escola. E então, afirma que a banalização e naturalização da violência deixam as pessoas insensíveis a ela. Uma das melhores práticas de prevenção está intimamente ligada à prática docente, assim fechando um ciclo interessante na abordagem dos autores analisados neste capítulo.

Segundo Candau (2008), o termo interculturalidade, denominado também de multiculturalismo interativo, seguindo uma perspectiva assimilacionista sugere que vivemos em uma sociedade multicultural, onde não existe igualdade de oportunidades. A partir de uma política assimilacionista, prescritiva, busca então a integração de todos na sociedade e a cultura hegemônica, porém sem alterar a matriz social, abarcando os grupos marginalizados e discriminados.

No que diz respeito à escola, Candau (2008) sugere a universalização da instituição onde todos são chamados a participar do sistema escolar, contudo, sem o caráter monocultural e homogeneizador presente na sua dinâmica: nos conteúdos do currículo, nas relações entre os atores, nas estratégias utilizadas na aprendizagem,

aos valores privilegiados entre outros, incluindo assim, aqueles que não tinham acesso à escola tal qual sua configuração.

9. INTERVENÇÕES E PROGRAMAS DE PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING

Que a violência é um problema atual do Brasil, isso é indiscutível, ela causa sentimento de medo na população e se apresenta com diferentes facetas diante da sociedade. Quando pensamos num ponto de vista econômico, por exemplo, quando aumentam os preços dos produtos, também podem aumentar os casos de furtos em consequência disso. A violência pode matar, mas, se o extremo não ocorrer, ela pode gerar deficiências físicas e saúde mental debilitada.

A violência gera descrença, faz com que as pessoas se sintam isoladas, gera insegurança e cria uma sensação de que se precisa estar em permanente defesa. Quando estudamos o fenômeno do *bullying* na escola percebemos que os efeitos negativos dessa violência abarcam todos os envolvidos de uma maneira geral, ou seja, incidem sobre toda a comunidade escolar.

Pensando justamente na dificuldade de se lidar com o fenômeno, buscamos nesses trabalhos o que os pesquisadores acreditam que seria eficaz na prevenção e contenção do *bullying* na escola.

Os trabalhos trazem abordagens diferentes sobre a temática, embora o objetivo seja o mesmo: a erradicação do *bullying*. Dentre os 13 trabalhos analisados, um deles é bem específico e claro quando aborda o caráter preventivo e a contenção do fenômeno, denominado aqui como Tese 1, que traz um olhar sobre propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. Esse trabalho numa perspectiva comparativa vai nortear este capítulo, já que podemos inserir os outros trabalhos fazendo uma complementação e uma aproximação com outras realidades pesquisadas.

Ações de informação, conscientização e sensibilização

Tabela 3 - Tabela Ações de informação, conscientização e sensibilização

<p>Tese 1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ações que possibilitem a divulgação de informações sobre o fenômeno do <i>bullying</i>, atreladas à conscientização e à sensibilização para o enfrentamento do mesmo. Essa ação deve envolver, família, comunidade escolar e professores. • Palestras com orientações aos professores, encontros com pais e alunos. • Inserir no currículo da escola, temas relacionados ao <i>bullying</i>. • Realização de atividades de pesquisa para alunos, criação de uma equipe multidisciplinar para realizar atividades de informação. • Realização de campanhas <i>antibullying</i> e elaboração de materiais com alunos, promoção de seções de debates/discussões com o apoio de vídeos, textos, reportagens, música, teatro ou brincadeiras. • Debates sobre temas relacionados ao <i>bullying</i> como violência de gênero, xenofobia ou racismo. (tese1) • Análise de dados hipotéticos ou reais (não necessariamente que aconteceram na escola) • Utilização de reportagens, vídeos, filmes e literatura, teatralização de histórias sobre <i>bullying</i> que possibilitem a troca e a vivencia de papéis que conseqüentemente, contribuam para a tentativa de reconhecimento de sentimentos e emoções do outro.
<p>Dissertação 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de programa que vise orientar os pais sobre o <i>bullying</i> e o <i>ciberbullying</i> para que os responsáveis saibam como proceder, caso o filho esteja envolvido nesse tipo de prática. Nesse programa, todos receberiam orientação de como amparar o autor, o alvo e o expectador e ainda exposição do que a escola tem feito para enfrentar esse tipo de violência.
<p>Dissertação 4</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Debater, esclarecer e conscientizar, levar a reflexão a toda comunidade escolar a respeito do <i>bullying</i> • Exposição a respeito dos locais onde ocorrem situações de <i>bullying</i> na escola.

Dissertação 5	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar a comunidade escolar sobre o fenômeno do <i>bullying</i>, sobretudo das consequências advindas desse tipo de comportamento. Esse seria o ponto de partida da prática como um todo.
Dissertação 6	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre a homofobia distinguindo as questões de gênero e sexualidade.
Dissertação 7	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a necessidade de buscar historicamente a constituição do fenômeno do <i>bullying</i> entendendo que a violência não é um fenômeno recente na sociedade • Compreender que o fenômeno do <i>bullying</i> tem diversas significações e abrange diversas situações de violência. <p>Dentre as teses que trazem ações relacionadas a informações, temos a tese 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar a comunidade escolar do fenômeno do <i>bullying</i> para entender que o mesmo não deve ser considerado brincadeira também.
Tese 3:	<ul style="list-style-type: none"> • Investigar o <i>bullying</i> entre meninas
Tese 4	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o contexto de <i>bullying</i>

Conhecer e saber diferenciar o que é e o que de fato pode não ser *bullying* parece algo simples, mas não é, porém aquilo que parece mais difícil ainda pode ser criar uma sensibilização com os atos violentos, muitos já naturalizados e uma consciência de que algo precisa ser feito por “alguéns” (escola, família, alunos...).

As intervenções aqui sinalizadas para esse tópico podem surtir um bom resultado se forem utilizados a partir de recursos educativos e lúdicos com o objetivo de despertar o interesse na comunidade escolar, de maneira que os atores sintam-se envolvidos e representados para uma compreensão. Vale ressaltar que as estratégias

de sociabilização só são efetivas se os estudantes forem colocados para refletir sobre a motivação para o *bullying*.

Ações de identificação: o diagnóstico da realidade escolar

Não basta saber identificar bem o fenômeno, é preciso saber como lidar em relação a cada caso isolado. Por essa razão, de acordo com cada realidade encontrada é possível traçar uma estratégia específica.

Tabela 4 – Ações de identificação: o diagnóstico escolar

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • A escola deve traçar ações que permitam a identificação e a compreensão das suas necessidades em relação à convivência escolar e as situações de <i>bullying</i> por meio de diferentes instrumentos como: registros de observação ou questionários específicos de modo periódico e/ou antes e após o desenvolvimento de algum projeto, entrevistas semiestruturadas. (tese1) • Um questionário anônimo em duas versões: uma para os alunos e outro para os professores. (tese1)
Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar pesquisas de diagnóstico com o objetivo de identificar o tipo de violência ocorrido e suas caracterizações
Tese 4	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer o diagnóstico das ocorrências e pensar em ações concretas para encará-las

Na mesma tese 1, a autora explicita que, nas escolas espanholas, existem tutorias inspiradas na hora social proposta por Olweus. A hora social de Olweus seria como um momento em que são trabalhados os temas pertinentes à vida em sociedade. Nesse processo, o professor atua como mediador e os alunos são levados a pensar sobre os problemas que envolvem os seus grupos. Segundo o autor, essas tutorias exercem uma espécie de pressão, controle social que costuma inibir os comportamentos agressivos ou antissociais. A hora social poderia ser abordada no cenário atual das escolas brasileiras em formato de fórum e rodas de conversa, por exemplo, dando voz assim à comunidade escolar para que juntos possamos perceber onde e qual temática que pode ser mais bem abordada quando pensamos em prevenção.

Dentro desse mesmo trabalho, temos a contribuição de Avilés (2013), que sugere o uso dessas aulas de tutoria como uma estratégia de prevenção do *bullying*. Algo como um projeto mais a longo prazo e objetivos mais especificados.

As ações relacionadas ao diagnóstico escolar podem desvendar dados muito relevantes para que as demais ações deem certo. Identificar os locais onde incidem mais ocorrências de casos de *bullying* auxilia de maneira mais eficaz na contenção e prevenção conseqüentemente.

Ações que incidem nas relações interpessoais

Como sabemos, o *bullying* é um fenômeno que ocorre entre pares, por essa razão a autora da tese 1, acredita que as ações de uma maneira geral, devem ser em grupos. É importante a atenção com as relações interpessoais dentro da escola como forma de prevenção do *bullying* entre os alunos.

Tabela 5 Ações que incidem nas relações interpessoais

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Grupos de apoio aos alvos compostos pelos próprios alunos, que trabalhariam em cima da problemática do <i>bullying</i>, apontando soluções não punitivas. Além disso, esse grupo ficaria responsável por apoiar os alunos rejeitados, ou que possuem dificuldade de relacionar-se para juntá-los aos grupos, auxiliar na adaptação de alunos novos, auxiliar na resolução de mal-entendidos, contribuir para o esclarecimento de pequenos conflitos. (tese1) • Grupo de pais solidários para ajudar os alvos (tese1)
Dissertação 2	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos pais no diagnóstico e na prevenção
Dissertação 3	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação de questionários a serem aplicados aos alunos com o objetivo de identificar casos de <i>bullying</i> existentes para assim agir sobre o problema • Observar situações em que crianças e adolescentes possam estar expostos a casos de humilhação e outras formas de violência características do <i>bullying</i>
Tese 2	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudantes de recreio – alunos que observam o recreio (ação com caráter preventivo) • Equipes de ajuda ou alunos ajudantes (alunos que são escolhidos pelos colegas para prestar ajuda a outros, a quem está triste, com problemas ou está sozinho) • Círculo de amigos, grupo que promove interação com alunos que apresentam dificuldades de interação, apresentam dificuldades e necessidades emocionais e

	comportamentais com a finalidade de integrá-los mais ao grupo)
--	--

Envolver os alunos com grupos de apoio os torna responsáveis pela manutenção da harmonia dentro da escola, coloca em prática as ações advindas dos espaços de conscientização, mobilizando toda a comunidade escolar.

Ações que incidem no desenvolvimento emocional e na autoestima dos alunos

O desenvolvimento do indivíduo não está pautado somente em aspectos cognitivos, existem também aspectos afetivos que, segundo Piaget, são de extrema importância, pois influem sobre o desenvolvimento intelectual. Esses aspectos podem acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre quais conteúdos a atividade intelectual se concentrará. Seber (1947, p.49), em seu trabalho de pesquisa dentro da teoria de Piaget, relatou que o afeto desenvolve no mesmo sentido que a inteligência ou a cognição, e é dessa forma, responsável pela ativação intelectual. Ou seja, com a construção das capacidades de afetividade e a expansão delas, a criança ou jovem é capaz de investir afeto e ter sentimentos validados em si própria, os quais se relacionam a sua motivação e interesse pela escola de uma maneira mais ampla.

O afeto tem estreita relação com a autoestima, desenvolvimento dos vínculos afetivos e motivação. A baixa da autoestima pode desencadear uma série de problemas, tanto escolares como sociais. A afetividade ligada à autoestima vem sendo abordada com mais veemência, porque a violência e a agressividade estão ligadas à falta de valorização da pessoa como ser humano, em que o sujeito com baixa autoestima tem seu autoconceito alterado. Nos casos de *bullying*, prevenção e erradicação, torna-se indispensável fazer um trabalho voltado para a valorização do ser humano. Dessa maneira então

Tabela 6 - Ações que incidem no desenvolvimento emocional e na autoestima dos alunos

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização da autoestima dos alunos para que eles não se sintam inferiores a ninguém ou culpados pelas agressões ou incapazes de resolver situações de violência ou buscar ajuda. • Atividades de formação corporal, estratégias para falar de si com afetividade. • Espaço com livros que abordem as temáticas relacionadas ao medo, à diferença e preconceito. • Mediação como ferramenta de diálogo e de encontro interpessoal que pode contribuir para a melhora das relações e para a busca satisfatória de acordos aos conflitos • O desenvolvimento de assembleias escolares • O treino da assertividade e seu desenvolvimento • Mediação de conflitos entre alunos (a estratégia da resolução de conflitos com o protagonismo dos estudantes)
Disseretação 2	<ul style="list-style-type: none"> • Atendimento ao agressor com atenção pedagógica e terapêutica, tendo ainda o professor como mediador para organizar esse processo. • Conhecer a personalidade dos alunos, seu contexto socioeconômico e familiar, o que desejam aprender como impulsionador para alavancar soluções para favorecer a aprendizagem e conduzir as ações de prevenção da violência
Dissertação 6	<ul style="list-style-type: none"> • Focar as ações nos diferentes personagens do fenômeno, não apenas no agressor.
Tese 2	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação supervisionada por parte dos adultos (que fomentam a amizade ou acompanhamento e ajuda entre os colegas, mediação entre iguais, sistema de conselho entre pares ou a solidariedade com os outros) • Treinamento da ira (foco no agressor) – reconhecimento por parte do agressor, da própria emoção, utilizando técnicas de relaxamento, repetição e uso de palavras tranquilas no lugar das palavras iradas, uso do humor, análise e mudança de pequenas coisas que produzem mau-humor e enfado, trabalho cognitivo sobre os momentos anteriores ao episódio da ira, • Aceitação e controle da angústia como algo maleável e suportável

Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Reduzir o <i>bullying</i> aumentando a empatia com os colegas vitimados e aumentar a habilidade psicológica dos alunos se defenderem.
Tese 5	<ul style="list-style-type: none"> • Construir uma convivência rica em vínculos emocionais focar mais a Educação Física e a ludicidade • Atribuir mais importância à relação família e escola

Com as ações expostas acima, percebemos que quando a escola passa a se preocupar com os diversos assuntos relacionados a multiculturalidade, discutindo e problematizando as diversas bandeiras dos movimentos sociais o aluno tem a oportunidade de apropriar-se da sua formação indelével recusando assim padrões impostos de beleza, ou qualquer outro.

Ações que enfatizam o uso do diálogo

Os educadores e docentes de uma escola possuem formação para promover esse tipo de ação voltada para o diálogo. Trabalhando de modo cooperativo com os chamados alunos mediadores, podem atuar de forma eficaz na resolução de conflitos, promovendo assim o diálogo, promovendo assembleias e momentos de discussão e reflexão sobre o *bullying*. Algumas ações relacionadas para promoção do diálogo

Tabela 7 - Ações que enfatizam o uso do diálogo

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Uso do diálogo para prevenir ou conter o <i>bullying</i> entre os alunos • Entrevistas com alvos e autores de <i>bullying</i>, com o objetivo de conscientizar os autores sobre o prejuízo que estão causando no alvo, criando neles a preocupação com relação às agressões, tentando despertar neles o desejo sincero de mudança de comportamento e solucionar o problema, assim como de fazer o alvo sentir que a situação pode ser mudada. • Usar os princípios de escuta ativa, que auxilia na compreensão do outro. A escuta ativa consiste em usar palavras ou expressões neutras que evidenciem interesse pelo que o outro diz. Fazer perguntas abertas com a finalidade de que o interlocutor dê mais informações sobre um determinado assunto para assim acrescentar mais dados.
--------	---

Dissertação 4	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar temas como respeito mútuo, respeito às diferenças, diálogo, solidariedade, justiça e abordar valores necessários em qualquer relação.
Dissertação 6	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir a comunidade escolar com o objetivo de aprofundar o conhecimento do problema, estabelecendo uma relação com valores, valorizando os progressos e fortalecendo as estratégias a longo prazo.
Tese 2	<ul style="list-style-type: none"> • Convocar periodicamente reuniões entre professores e familiares para falar sobre <i>bullying</i>
Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Palestras para os alunos e professores sobre problemas de agressão e vitimização supervisão e atividades de melhoramento dos recreios. • Desenvolvimento de reuniões com pais e professores. • Formação de grupo de professores para o desenvolvimento de clima na escola. • Formação de grupos de pais.

O diálogo é um importante instrumento diagnóstico nos casos de *bullying*, não se tem tempo para ouvir os jovens na escola, a família acaba sendo um tanto ausente ou ignora comportamentos inadequados dos jovens, suprimindo muitas vezes o que falta com bens materiais, não por falta de amor, mas por conta da rotina do dia-a-dia.

Ações para Educação moral

Alguns valores como tolerância e questões relacionadas à pluralidade cultural precisam fazer parte da grade curricular e do cotidiano escolar dos alunos. Esses valores auxiliam os jovens a compreenderem o contexto cultural no qual estão inseridos.

A cultura da paz nas escolas, bem como o princípio da tolerância, propõem sem dúvidas, mudanças inspiradoras em valores como justiça, diversidade cultural, respeito mútuo e solidariedade por parte dos alunos e nos demais grupos sociais existentes na sociedade.

Nesse sentido, é possível estabelecer que esse trabalho começado dentro das instituições de ensino pode provocar uma mudança a um nível macro abrangendo assim estruturas sociais, políticas, econômicas entre outras. E, a um nível micro, no que diz respeito às mudanças pessoais como, por exemplo, de valores, estilo de vida

e relações interpessoais. Segundo Milani (2013, p.38), esses processos são complementares para a prática da cultura da paz.

Tabela 8 - Ações para Educação moral

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • O ensino de valores de tolerância, respeito à diversidade e à dignidade humana, assim como o trabalho dirigido ao desenvolvimento da autoestima e das habilidades sociais, constituem fórmula igualmente efetiva para o desenvolvimento de condutas pró-sociais e para a erradicação da violência escolar.
Dissertação 4	<ul style="list-style-type: none"> • O professor deverá trabalhar em seu cotidiano pedagógico os conteúdos de ética, em que se priorize o convívio escolar. • O professor deve cultivar na sala de aula, a ética a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade. A comunidade escolar não deve admitir, em hipótese nenhuma, situação de maus tratos entre alunos na sala de aula.
Dissertação 6	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização da autoestima do jovem.
Tese 4	<ul style="list-style-type: none"> • Promoção do respeito às diferenças, inclusive quanto à comunicação utilizada por surdos

A educação moral na escola, desperta uma discussão a respeito das relações estabelecidas entre os indivíduos em diferentes espaços sociais. Por essa razão a escola, e toda a sua comunidade tem um importante papel, pois através dessa convivência na escola, os alunos tem a oportunidade de construir valores relacionados à moral no cotidiano. Essa é uma iniciativa que privilegia uma formação plena, crítica e autônoma.

Ações relacionadas à mudança de comportamento através do controle de contingências

A ação relacionada à mudança de comportamento e controle de contingências incide diretamente no docente, para que ele atue como um mediador, identificador de conflitos, promotor da paz. Sendo um processo eficaz assim na prevenção e intervenção de atos violentos.

Como proposta, a tese 1, traz o autor Pingoello (2012) que propõe um programa de formação docente e discente para a prevenção do *bullying* na escola. Como ações concretas para os professores e alunos, temos:

Tabela 9 - Ações relacionadas à mudança de comportamento através do controle de contingências

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Conceituação e características do <i>bullying</i> e observação dos alunos após a fundamentação teórica utilizada. • Identificação do fenômeno. Os professores são levados a analisar as situações observadas, refletindo sobre quais as ações que deveriam ser tomadas por professores e alunos. • Prevenção e intervenção através de estudos de casos.
Dissertação 2	<ul style="list-style-type: none"> • O docente precisa ter uma postura proativa, pois ele tem a função social de organizar as relações humanizadas no ambiente escolar, os demais funcionários também precisam ter consciência do fenômeno para mediar os conflitos.
Dissertação 3	<ul style="list-style-type: none"> • Círculo de qualidade, que seriam observações feitas pelos próprios estudantes acerca dos problemas no cotidiano escolar
Dissertação 6	<ul style="list-style-type: none"> • Observar que o caráter competitivo pode gerar desvalorização do outro.
Tese 2	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmicas de grupo que envolvam todos os atores envolvidos em <i>bullying</i>.
Tese 5	<ul style="list-style-type: none"> • Construir uma educação para a paz, esperança e cuidado com o outro. • Criar mais estratégias de prevenção e investir em políticas públicas. • Incentivar o protagonismo dos alunos na busca de soluções.

Dentre estratégias apresentadas acima, aquelas que chamam mais atenção são as que trazem reflexões a respeito do protagonismo dos alunos parece realmente

algo essencial para que todo o processo de erradicação do bullying de certo. Afinal de contas a escola é um espaço feito para os alunos, e são eles os protagonistas do fenômeno em si

Ações que incidem sobre regras

Todos os espaços sociais possuem regras, sejam elas institucionalizadas ou como regras sociais que garantem uma boa convivência entre todos nos espaços diversos. Os estabelecimentos de ensino possuem regras no que diz respeito ao comportamento esperado dentro de suas dependências.

Tabela 10 - Ações que incidem sobre regras

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade dos estabelecimentos terem regras e limites mais claros contra o <i>bullying</i>, os quais contribuam para que os alunos saibam da não aceitação desse tipo de conduta no ambiente escolar e das consequências que o não cumprimento destas regras terão. • Estabelecer regras como tentativa de bloquear comportamentos inadequados parece ser uma tradição na história da educação, porém é necessária a determinação de sanções para a quebra destas.
Dissertação 4	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de regras estabelecidas pelos alunos, afim de promover a responsabilidade coletiva no combate ao problema. • Método de preocupação partilhada (método Pikas), sugere trabalhar com os autores de <i>bullying</i> de forma individual, solicitando aos mesmos sugestões de como resolver o problema, promovendo assim uma preocupação partilhada entre o professor que fará a intervenção com o autor para que o mesmo reflita sobre seus atos.
Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de regras na classe contra o <i>bullying</i> e sanções para o seu cumprimento

	<ul style="list-style-type: none"> • Encontros regulares para discussão de casos e busca de soluções • Atendimento individual ao agressor e da vítima para dialogar seriamente sobre suas condições em relação ao <i>bullying</i> • Estabelecimento de parceria entre pais e professores para a busca de soluções • Construção de um regulamento escolar baseado em questões de dis • Disciplinas que são definidas por professores, alunos e pelo conselho estudantil.
--	--

Diante das ações que incidem sobre regras, observamos que as provenientes da Espanha podem ser consideradas um tanto arbitrárias, é preciso que os alunos se apropriem das regras, que elas não sejam impostas e sim construídas através dos valores.

Ações que envolvem mudança de estrutura funcional ou física da escola

As ações relacionadas à estrutura, podem ajudar bastante quanto à implementação de um política de aceitação e paz, quando temos por exemplo, um espaço adaptado para alunos com alguma necessidade física ou educacional especial, como rampas, elevadores, corrimões, marcações no chão, dentre outras. Uma problematização possível seria a sugestão de debates relacionados a concepção da justiça, igualdade e equidade na escola.

Naturalizamos a diversidade e a aceitação das diferenças de uma forma prática na escola, quando o diferente deixa de ser o foco e pode se tornar mais independente e autônomo dentro do seu espaço. Como sugestão estrutural, funcional ou física da escola temos então:

Tabela 11 - Ações que envolvem mudança de estrutura funcional ou física da escola

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • As ações de enfrentamento ao <i>bullying</i> relacionadas à mudança de estrutura funcional ou física da escola são consideradas ações meio e se relacionam com outras categorias como a melhoria das relações interpessoais.
---------------	--

	<p>Incidem principalmente, na criação de um clima de segurança, para os alunos por meio do incremento da supervisão dos alunos em espaços e tempos comuns e/ou de intervalo da escola que inibiria ações de <i>bullying</i> e facilitaria a busca por ajuda em situações de agressão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como ação geral, a mudança no espaço físico da escola, a fim de torná-lo mais acolhedor.
Dissertação 2	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de um projeto político pedagógico diferente constituído por toda a comunidade escolar que considere a prevenção da violência. • Projeto político pedagógico bem delineado, formação continuada dos educadores e envolvimento de todos os atores escolares com objetivo de efetivar estratégias dinâmicas e congruentes de prevenção ao <i>bullying</i>.
Dissertação 3	<ul style="list-style-type: none"> • Inserção do tema <i>bullying</i> no currículo escolar, no sentido de abordagem sobre essa temática na ação educativa, incentivando o trabalho em grupos cooperativos nos quais prevaleçam o espírito de equipe, de iguais, as iniciativas de tutorias, os debates, as análises de casos através dos exemplos, teatros, com o objetivo de promover momentos de resolução de conflitos pautados na ética. • Utilização da literatura infanto-juvenil e vídeos para discussão a respeito do tema em sala de aula de forma transversal. • Utilização de vídeos de curta duração a respeito do fenômeno
Tese 2	<ul style="list-style-type: none"> • Prevenção e combate ao <i>bullying</i> inseridos no currículo dos professores e frequentemente nas reuniões de trabalho docente e na administração educativa • Assembleias e reuniões periódicas de grupos de alunos

Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Prevalência de atividades lúdicas na escola com o objetivo de reduzir as práticas agressivas entre pares. • Palestras para os alunos e professores sobre problemas de agressão e vitimização. • Supervisão das atividades realizadas no espaço escolar e melhoramento dos recreios. • Sensibilização social, formação dos agentes educativos. • Aulas e dias temáticos com os alunos, atividades em ambientes virtuais de aprendizagem através de jogos de computador anti <i>bullying</i>
Tese 5	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar com literatura pertinente

A reinvenção da escola é necessária para que as mudanças ocorram na proporção em que desejamos é preciso uma reestruturação no que tange as barreiras físicas, no currículo e principalmente nas relações interpessoais entre professores e alunos.

Ações de capacitação profissional

A capacitação docente é algo fundamental para que o mesmo se aproprie, não só dos conteúdos relacionados às práticas das disciplinas, mas também das novas demandas e impasses da educação de uma maneira mais abrangente. O *bullying* é apenas uma dessas demandas. A capacitação docente é uma necessidade para a cultura *antibullying*:

Tabela 12 - Ações de capacitação profissional

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • A capacitação docente e dos demais profissionais de educação para atuarem na prevenção e na contenção ao <i>bullying</i>.
Dissertação 4	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar estudos e debates sobre o tema com todos os profissionais e, em especial, com os professores, pois eles estarão em contato próximo diário com os alunos, tendo grandes oportunidades de não só intervir, mas prevenir o fenômeno.
Dissertação 5	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de professores voltada para o conhecimento do fenômeno, utilizar a publicação acadêmica para aprofundar os conhecimentos e, dessa forma, identificar

	<p>com mais facilidade os atores e os aspectos que envolvem o fenômeno.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aliar a teoria à prática na prevenção do <i>bullying</i>.
Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento das preocupações e necessidades, consultas para a definição de uma política educativa, planejamento sobre as propostas de intervenção. • Discussão e aprovação formal do plano de intervenção pelos docentes e direção escolar. • Difusão das políticas, manutenção e avaliação das atividades pelos docentes. • Produção de materiais didáticos.
Tese 4	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio sistemático aos professores através de aconselhamentos orientados e dinâmicos. Conferindo-lhes assim meios de dar respostas assertivas ao problema da vitimização
Tese 5	<ul style="list-style-type: none"> • Docentes precisam compreender bem sobre o fenômeno do <i>bullying</i>. • Entendimento de que a prevenção precisa ter seu maior foco no professor, é ele que deve ser responsável por ministrar aulas ou debater sobre questões que abordem a diferença e o multiculturalismo e demais discursos pertinentes sobre a questão do <i>bullying</i>.

Sugere uma interação entre aquilo que é trazido pelos pesquisadores e a prática dos atores envolvidos na educação na escola. A temática bullying não apareceu durante minha formação no curso de pedagogia e enfrentar a escola sem essa abordagem compactua para que a comunidade escolar não saiba como agir.

Ações de denúncia

A criação de algumas estratégias para que os atores envolvidos em situações de *bullying* possam denunciar agressões sofridas ou observadas pelos colegas é algo que parece ser simples e eficaz. É importante que cada escola crie um sistema que facilite a comunicação de situações de *bullying* e a busca por ajuda, considerando que muitas têm medo de se manifestar, ou não sabem como agir. O sentido da denúncia deve ser o da comunicação dos atos para a investigação e prestação de ajuda considerando cada situação e não a identificação com sentido de punição dos autores das agressões

Tabela 13 - Ações de denúncia

Tese 1	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de sistemas de “disque-denúncia” dentro da escola, ou de denúncia para as autoridades policiais quando houver casos de lesão corporal e <i>bullying</i> contra professor. (?) • Os canais de comunicação podem ser distintos como, correios eletrônicos, caixas de sugestões e denúncia, serviço telefônico de escuta, ou sistemas de ajuda entre iguais, para que os que perceberem situações busquem apoio para si ou para outros colegas.
Dissertação 3	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar número de telefone para denúncias: panfletos com orientações sobre o que fazer se o envolvido for autor, alvo ou testemunha. • Modelo de carta para que a criança ou adolescente relate a um adulto o que tem vivenciado • Atividades para que os alunos possam sugerir na escola quando perceberam a ocorrência do <i>bullying</i>.
Tese 3	<ul style="list-style-type: none"> • Atendimento direto aos estudantes, com auxílio de uma linha telefônica
Tese 5	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar a denúncia por parte dos alunos que se sentem ameaçados

É importante frisar que as ações previstas na tese 1 neste tópico, desencontram com aquelas que acreditamos. Somos contra a militarização da escola, e um sistema de denúncia ligado a delegacias policiais seria algo muito perigoso na realidade brasileira. Entretanto um sistema de denúncia interno (dentro da própria escola) poderia auxiliar os professores e demais membros da comunidade escolar a chegar aos problemas.

10. CONCLUSÃO

Aprendi com a escrita desta dissertação que é possível iniciar um mestrado com um plano e executar um outro totalmente diferente...

A palavra adequação é lei. Quando uma proposta de pesquisa não dá certo, é preciso buscar novos caminhos e possibilidades... Depois de um ano me dedicando a um projeto, verificamos, eu e a minha orientadora, que as questões que eu levava ao campo não poderiam ser respondidas com os dados que consegui construir. Assim, precisei sair de uma pesquisa que pretendia ser de campo para uma revisão de literatura com intencionalidade.

Foi muito rico aprender a fazer um trabalho assim, comparativo e crítico, no qual eu pude também exercitar a minha presença enquanto pesquisadora.

Nesta dissertação, busquei reunir o que os trabalhos acadêmicos mais recentes traziam a respeito da prevenção e do enfrentamento do *bullying*. Durante os anos de pesquisa, conheci algumas pesquisas muito interessantes... No entanto, o que se pode perceber é que há poucas proposições sobre o que fazer para enfrentar o *bullying* como um problema social.

Então, o objetivo deste trabalho era buscar, ainda que em brechas e entrelinhas de dissertações e teses, indicações que pudessem subsidiar propostas práticas de enfrentamento do problema *bullying*.

Foram 7 dissertações e 6 teses dos anos de 2014, 2015 e 2016. Destaco que, dos trabalhos por mim analisados, todos tinham preocupação com o caráter preventivo, ainda que com leituras distintas, mas um deles (uma tese realizada num doutorado sanduíche que comparava políticas nacionais brasileiras e espanholas) foi extremamente importante e norteador para a organização final do meu texto.

Alguns dos trabalhos acadêmicos analisados possuem um caráter muito subjetivo, vêem a erradicação dos casos de *bullying* escolar somente a partir de uma mudança ampla na sociedade. De fato, isso seria o ideal, já que o fenômeno é um espelho da mesma; entretanto, ações de curto e médio prazo são fundamentais para que possamos agir agora, de maneira mais ordenada. Afinal, quem está em sofrimento não pode esperar uma revolução (que não parece estar em curso).

As ações apresentadas no trabalho também geram reflexão a respeito daquilo que é possível no nosso cenário educacional e daquilo que temos como princípios adquiridos pela nossa própria formação crítica. Por exemplo: ações repressoras não têm um caráter educativo; podem resolver momentaneamente os problemas de alguns casos de *bullying*, mas geram mais revolta e violência, quando não abordamos da maneira correta.

Percebo que algumas ações são fundamentais, como, por exemplo, o incentivo à participação dos responsáveis na vida dos alunos, o olhar atento e preocupado das escolas, as ações de capacitação e treinamento para professores e, principalmente, a não banalização de atitudes desrespeitosas.

Discussões e reflexões relacionadas à autoconfiança, autoestima, racismo, inclusão são temas de extrema importância no processo de entendimento das

diferenças no espaço escolar.

Alguns trabalhos trazem dados bastante relevantes a respeito das mídias, ou seja, sobre o modo como as informações chegam aos nossos jovens, a rapidez dessas informações e a sua forte influência sobre eles. Temos trabalhos que mostram as consequências relacionadas ao baixo aproveitamento escolar, reprovação ou evasão escolar, ou que abordem a temática da inclusão e inserção de projetos que abordem o bem estar social num todo, com boas práticas que possam se refletir nas relações sociais intra e extra-escola.

Tudo foi válido e rico. Me apropriar da leitura de cada um e saber identificar as ações e seus respectivos fins foi uma evolução enquanto educadora. A percepção de que as minorias merecem uma abordagem pedagógica dentro das disciplinas regulares para que sejam melhores absorvidas também. Mais ou menos assim: você precisa tornar claro por exemplo, a dificuldade da ascensão social do negro, que é histórica, ou abordar melhor as diferenças na escola no contexto da inclusão, abordar as questões de sexualidade, trabalhar conceitos de empatia.

As ações não são isoladas, estão numa rede e precisam ser abordadas dentro do contexto de cada uma das instituições.

O que foi reunido aqui neste trabalho de pesquisa pode ajudar a por em relevância aquilo que, de certa forma, o educador já tem em mente: que o *bullying* precisa acabar; porém, norteando a concepção e implementação de ações próprias e distribuindo papéis possíveis para cada um dentro da escola.

Neste texto, ficou clara pra mim a importância da participação dos jovens na erradicação do fenômeno. A escola precisa ouvi-los. Arbitrariedade com adolescentes não resolve, apenas gera mais revolta. Reunir sugestões que podem ser testadas e adaptadas é sem dúvida empoderador.

No que diz respeito à disciplina proposta como produto final desta dissertação de mestrado profissional, apesar de parecer uma medida simples, pode alavancar o interesse de professores e pesquisadores para o tema *bullying*. O docente preparado, atento às causas e consequências do *bullying* pode mudar, no que diz respeito à própria prática em sala, e apurar com um olhar muito mais significativo os possíveis casos de *bullying*.

A disciplina proposta é algo novo. Esse tema, apesar de relevante, ainda é visto com preconceito, não sendo abordado na formação inicial de profissionais de educação. No entanto, é quase impossível ser um educador na prática e não “bater de frente” com esse problema. Tenho convicção de que será muito rico discutir a temática dentro da universidade, já que possuímos muitos alunos que cursam Pedagogia e outras licenciaturas e que já atuam como professores.

Como eu disse, o conhecimento está todo em rede, entrelaçado, ações de conscientização são ricas e fundamentais, já a adequação das ações depende de cada cenário, de cada caso, de cada história. Nunca rotulando ou estatizando o fenômeno.

11. INDICAÇÃO DO PRODUTO

A ideia de desenvolver uma ementa para uma disciplina que aborde a temática do *bullying* surgiu da minha própria experiência como graduanda. Pouco se fala sobre violência na escola, a não ser por uma linha estrutural, ligada ao sucateamento e à falta de verba para uma educação pública de qualidade.

A temática do *bullying* não aparece em nenhuma das 4 versões curriculares do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Uerj. E a temática é extremamente relevante por fazer parte do cotidiano escolar e por estar ganhando novos rumos por conta das mídias e do acesso à informação.

Com a ementa de uma disciplina que aborde a temática do *bullying*, temos por objetivo preparar os futuros docentes sobre como intervirnos conflitos dentro do espaço escolar, preparando-os para a realidade das escolas brasileiras, incitando uma reflexão sobre seu próprio papel como educador e suas práticas, principalmente no que diz respeito à mediação de conflitos, posicionamento crítico e multicultural.

Nesse sentido, visa à solução de problemas da realidade educacional, considerando a viabilidade do desenvolvimento e a aplicação de um produto educacional e também as possibilidades de atuação e de intervenção no contexto educacional ao qual se destina.

O modelo de ementa sugerido, está no apêndice A.

REFERÊNCIAS

AVILÉS, J. M. *Bullying: el maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela*. Salamanca: Amarú, 2006.

ARENDT, A. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Da Violência*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ANDREOLA, Balduino Antonio et al. (Orgs.). *Formação de educadores: da itinerância das universidades à escola itinerante*. Ijuí, RS: ed. Unijuí, 2010. p. 246-262.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARRETO, MMS. *Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações*. São Paulo: EDUC; 2003.

BATSCHE, G. M.; KNOFF, H. M. Bullies and their victims: understanding a pervasive problem in the schools. *Schools Psychology Review*, v. 23, n. 2, p. 165-174, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, p. 3-6, nov. 1979.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

_____. *Meditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Portal do Planalto*, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>. Acesso em: 01 fev 2016.

CALHAU, L. B. *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói: Impetus, 2009.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, [S.l.], v.13, n. 37, 2008.

_____. Educação Escolar e Cultura(s): multiculturalismo, universalismo e currículo; In: _____. (Org.) *Didática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. Forma & Ação, 2009.

_____.; NASCIMENTO, M. G.; LUCINDA, M. D. A. C. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CORTINA, Adela. *Alianza y contrato: política, ética y religión*. Madrid: Trotta, 2001.

DEFENSOR DEL PUEBLO. *Informe sobre violencia escolar: el maltrato entre iguales en la Educación Secundaria Obligatoria 1999-2006*. UNICEF, Madrid: Defensor del Pueblo, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

FERNADES, A. *Administração inteligente*. São Paulo: Futura, 2001.

FICAGNA, Marisa Fracalossi; ORTH, Miguel Alfredo. Educação para um novo cidadão: construindo possibilidades ou relações entre a teoria e a prática. In: FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FRICK, L. T; DE STEFANO MENIN, M. S.; TOGNETTA, L. R. P. Um estudo sobre as relações entre os conflitos interpessoais e o bullying entre escolares. *Reflexão & Ação*, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 93-113, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1986-1999.

KALOUSTIAN, SM; FERRARI, M. *Introdução*. In: SM Kaloustian (Org.). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo; Brasília: Ed. Cortez-Unicef, 1994. p. 11-15.

LOPES NETO A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, [S.l], v. 81, n. 5, p.164-72, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecultura/encontros/Bullyng.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

_____.; SAAVREDRA, L. H. *Diga não para o Bullying – Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPEZ, Rita et al . Fatores implicados no fenómeno de bullying em contexto escolar: revisão integrada da literatura. *Rev. Enf. Ref., Coimbra*, v. serIII, n. 5, p. 153-162, dez. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832011000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 jul. 2017.

MACHADO, F.N.R; MACHADO, M.P.A. *Projeto de Banco de dados: uma visão prática*. São Paulo: Érica, 1996.

MAFFESOLI, M. *A dinâmica da violência*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.

MARTINS, JS (Org.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

MARTINS JUNIOR, Joaquim: *Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 222 p.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, Identidades, Alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MICHALISZYN, Mario Sergio; TOMASINI, Ricardo. *Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro (RJ): Vozes, 2008. 215 p

MICHAUD, Y. *Violence et politique*. Paris, Gallimard, 1978.

MILANI, F. M. *Cultura de Paz X Violências: o papel e desafios da escola*. In: _____.; JESUS, R. C. (Org.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.p. 31-60

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antonio de. *Metodologia da pesquisa científica: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos*. 2. ed. rev. e atual. Florianópolis: Visual Books, 2006.

OLWEUS, DAN. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 1993

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra, 2002.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. *Para uma escola sem violência*. São Paulo: F.C.G., 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. Universidade Federal de Brasília, 2011.

SOREL, G. *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis, Vozes, 1993

TOGNETTA, L. R. P. *A história da menina e do medo da menina: suplemento especial para pais e professores*. Americana, SP: Adonis, 2010.

_____. Um olhar sobre o bullying escolar e sua superação: contribuições da Psicologia Moral. In: _____.; VINHA, T. P. (Org.) *Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A., DE LIMA, V.S. *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Zouck, 2005.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa m educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WASELFISZ, J.J. *Mapa da Violência IV: os Jovens do Brasil*. Brasília: Unesco, Instituto Airton Senna, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

Apêndice A — Programa da disciplina

	PROGRAMA DA DISCIPLINA	1) ANO	2) SEM.

3) UNIDADE: FACULDADE DE EDUCAÇÃO		4) DEPARTAMENTO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO		
5) CÓDIGO EDU05-08052	6) NOME DA DISCIPLINA O FENOMENO <i>BULLYING</i> NO ESPAÇO ESCOLAR	() obrigatória Eletiva (X) universal () definida () restrita	7) CH 60h	8) CRÉD 4
9) CURSO(S)		10) DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA		
		TIPO DE AULA	SEMANAL	SEMESTRAL
		TEÓRICA	4	60h
		PRÁTICA		
		LABORATÓRIO		
		ESTÁGIO		
TOTAL		4	60h	
11) PRÉ-REQUISITO (A):			12) CÓDIGO	
11) PRÉ-REQUISITO (B):			12) CÓDIGO	
11) CO-REQUISITO			12) CÓDIGO	

13) OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre o fenômeno do <i>bullying</i> e seus efeitos na cultura escolar e sobre os seus atores - Compreender a formação do conceito, características e consequências - Estudar práticas para identificação e prevenção a essas práticas - Refletir criticamente a questão da reprodução de práticas violentas na escola - Analisar o papel do docente frente ao fenômeno. - Constituir estratégias de intervenção nos ciclos de violência na escola.
14) EMENTA
O fenômeno do <i>bullying</i> no espaço escolar: diferentes perspectivas. Conceituação. Legislação. Atores. Consequências. Por que intervir? Perspectivas de intervenção.
15) BIBLIOGRAFIA
<p>LOPES NETO A. A. <i>Bullying</i> – comportamento agressivo entre estudantes, [Online]. <i>Jornal de Pediatria</i>, v. 81, n.5, p.164-72, 2005. Disponível em: http://www.uff.br/saudecultura/encontros/Bullyng.pdf Acesso em: 08 mar 2016.</p> <p>CANDAU, V. M.; NASCIMENTO, M. das G.; LUCINDA, M. D.A. C. <i>Escola e violência</i>. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.</p> <p>CANDAU, V. M. (2008) Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. <i>Revista Brasileira de Educação</i>, v.13, n. 37</p>

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books .

FANTE, C. A. Z. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005

BRASIL. Lei. 13.185 de 06 de novembro de 2015.

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) [Online].

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm)

2018/2015/Lei/L13185.htm Acesso em: 01 fev 2016

BOURDIEU, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

[file:///C:/Users/Samsung/Downloads/18979-78012-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/18979-78012-1-SM%20(2).pdf)